

# LYRA

DO

# TROVADOR

COLLECÇÃO

DE

Modinhas, Recitativos, Lundús, Canções, etc.

TERCEIRA EDIÇÃO

1.º e 2.º VOLUMES



Rio de Janeiro

NA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO, EDITOR.

33 — Rua da Uruguanana — 33

1896

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número

3147 B

do ano de

1974

**LYRA**

DO

**TROVADOR**

COLLECÇÃO

DE

Modinhas, Recitativos, Lundús, Canções, etc.

TERCEIRA EDIÇÃO

**1.º e 2.º VOLUMES**



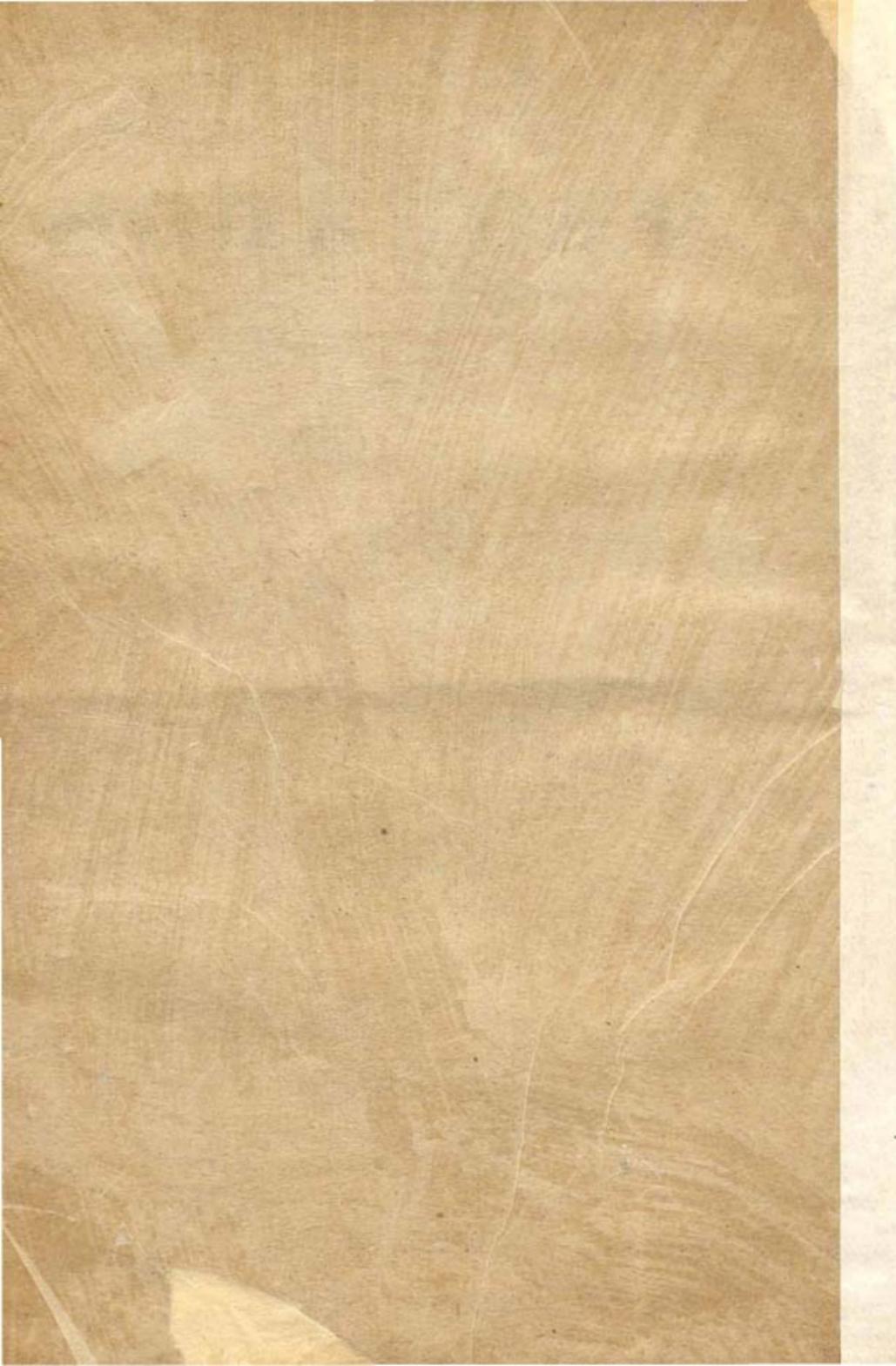
0869.1008  
L992  
T  
3.ED.

Rio de Janeiro

NA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO, EDITOR

33 — Rua da Uruguayana — 33

1896



# MODINHAS

## Um terno sorriso

Um terno sorriso  
De amor e saudade  
Ainda te offerta  
Quem tem-te amizade.

Que dores, que angustias,  
Que pranto exaurido;  
São lagrimas tristes  
Que verto sentido.

Lá quando nos astros  
O sol vem raiando,  
Desperto no leito  
Teu nome chamando.

Que dores, que angustias, etc.

De todo o passado  
Me vem a lembrança,  
Contemplo esta sorte  
Me resta a esperança

Que dores, que angustias, etc.

Meu anjo do céu  
Attende a clemencia,  
Ouvi minha voz  
Findai-me a existencia.

Que dores, que angustias, etc.



## O canto do cysne

POESIA DO FALLECIDO DR. LAURINDO

Quando eu morrer, não chorem a minha morte  
Entreguem o meu corpo a sepultura  
Pobre, sem pompa ; seja-lhe a mortalha  
Os andrajos que me deu a desventura.

Não se insulte o sepulchro, apresentando  
Um rico funeral de aspecto nobre,  
Como agora a zombar me dizem vivo  
Podem morto dizer-me : ahí vai um pobre.

Dos amigos hypoeritas não quero  
Publicas provas de affeição fingida ;  
Deixem-me morto só, como deixaram-me  
Lutar só contra a sorte toda a vida.

Outros prantos não quero que não sejam  
Esse pranto de fél amargurado  
De minha companheira de infortunio  
Que me adora apesar de desgraçado.

O pranto, assucena de minh'alma  
Do coração sincero, d'alma sã,  
De um anjo que tambem sente os meus males,  
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um jovem amigo, tambem quero  
Que junte em minha eça os prantos seus  
Aos de um pobre ancião, que perfilhou-me  
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos, eu sei que terei preces,  
Saudades e lagrimas tambem,  
Que não tenho lembrança de offendel-os,  
E sei quanta amizade elles me têm.

E tranquillo meu Deus a vós me entrego  
Peccados de mil culpas carregado ;  
Mas os prantos do meu perdão vos pedem  
E o muito que tambem tenho chorado.

---

## A despedida

POÉSIA DO FALLECIDO DR. LAURINDO

Adeus, adeus, é chegada  
A' hora da despedida.  
Vou, que importa, se te deixo  
Neste adeus a minha vida.

Foste ingrata aos meus extremos,  
Não te peço gratidão ;  
Perdão para os meus carinhos,  
Aos meus amores, perdão.

Eu era um ente na terra,  
Tu eras um cherubim ;  
Deus tirou-te dos seus anjos,  
Não nascestes para mim.

Perdóá a meus amores.  
Esta estulta elevação ;  
Perdão para os meus carinhos.  
Aos meus amores perdão.

O crime que commetti  
Foi muito punido já ;  
Castigou-me o teu desprezo  
Maior castigo não ha.

Castigado reconheço  
Quanto é justa a punição ;  
Perdão para os meus carinhos,  
Aos meus amores, perdão.

Pouca vida já me resta ;  
Eu sinto que esta amargura  
Tão intensa—muito cedo.  
Ha de abrir-me a sepultura.

Do crime que fiz de amar-te,  
Vem dar-me absolvição ;  
Perdão para os meus carinhos,  
Aos meus amores perdão.

### Um mysterio

POESIA DE ALBANO CORDEIRO

Em noite medonha,  
Que os raios cruzavam,  
Que os ventos lutavam  
Co'as ondas do mar ;

Meu peito saudoso  
Co'um rosto formoso  
Buscava sonhar.

A lua tranquilla,  
Das ondas se erguendo,  
E os raios detendo  
C'um meigo volver ;

Calmou da tormenta  
A furia cruenta,  
Mas fez-me gemer !

Senti na bonança  
Cruel desventura,  
Provei a amargura,  
Que amor recordei ;  
Mas foi por aquella,  
Que outr'ora tão bella  
Gostosa adorei.

A lua piedosa,  
A face cobrindo,  
Ao céu foi subindo  
Com doce langor ;  
E o céu puro e santo  
Juntou-se a meu pranto  
Calmou minha dôr.

---

### Riso e morte

Quando eu deixar de chorar  
Quando eu contente me rir,  
Não se enganem — desconfiem  
Que não tardo a succumbir.

Quando a alma ao infortunio  
Assim ligado se tem,  
Como termo da desgraça  
A morte não longe vem.

Eu vim ao mundo chorando,  
E' chorar o meu viver,  
Quando deixar de chorar  
Estou prestes a morrer.



Vem oh! morte — de meu pranto  
Não receis poder vir,  
Choro nos braços da vida,  
Nos teus braços me hei de rir.

Muitas vezes um prazer  
Que parece de ventura,  
Não é mais que um riso d'alma  
Vendo perto a sepultura.

O feliz ri-se na vida,  
Por ver nella o seu jardim ;  
O desgraçado na morte,  
Por ver da desgraça o fim.

---

### Nas horas longas

Nas horas longas d'uma tarde amena  
Minha'alma pena por fatal tributo ;  
E tantas magoas que meu peito encerra,  
Ninguém na terra me prantêa o luto.

Perdi a infancia e com ella a crença  
Na luta immensa d'um soffrer de horror ;  
E pouco a pouco vou perdendo a vida  
Triste abatida qual a murcha flôr.

E tantas glorias que eu sonhei criança,  
Tanta esperança que occultei nest'alma ;  
Hoje nem sonhos de illusões de amor ;  
Nem murcha flôr de singela palma.

Oh! Deus eterno e eu vivo ainda,  
Vergonha infinda para um pai trahido ;  
Vergonha, opprobio de d'um viver impuro,  
Negro futuro d'um pensar perdido.

Para que vivo ? para ver-te um dia  
Pallida e fria me estendendo a mão,  
Curtindo a dôr que as entranhas corta,  
De porta em porta mendigando o pão.

Neste silencio que a noite encobre,  
Tranquillo dorme quem me fez peñar ;  
E' esse o monstro seductor vaidoso  
Que vida e gôzo quiz de mim roubar.

Depois a campa e o esquecimento,  
Nem um lamento sobre o leito eterno ;  
Nem um suspiro, nem uma oração,  
Oh ! maldição ! maldição do inferno !

---

### Grato mysterio

Grato mysterio  
Que est'alma sente,  
Vida de amores  
Que a ti me prende  
Si os meus prazeres  
Não desfalecem,  
Os meus gemidos  
Não immudecem.  
Se dos jardins  
Vejo o primor,  
Tu és das flores  
A melhor flor

Se os astros vejo  
No teu semblante,  
Lançam teus olhos  
Luz mais brilhante.

Esgota o mundo  
Os dotes seus,  
Todos — no dia  
Dos annos teus.

Não queima o frio,  
O sol não arde,  
E' pomo d'ouro  
Nas mãos da tarde.

Oh ! nympa bella  
Em toda a éra,  
Sejam teus dias  
De primavéra.

Um anjo sejas  
Pela ventura,  
Como és um anjo  
De formosura.

---

### Se eu fôra poeta

Se eu fôra poeta  
Soubesse trovar,  
As minhas canções  
Te havia offertar  
Com tanto que tu  
Soubesses me amar.

Se eu fôra uma pomba  
Pudesse voar,  
Em teu lindo collo  
Quizera pousar  
Com tanto que tu  
Soubesses me amar.

Se eu fôra sereno  
De noite ao luar,  
Os teus lindos labios  
Quizera orvalhar.  
Com tanto que tu  
Soubesses me amar.

Se eu fôra estrella  
No céo a brilhar,  
Tua linda fronte  
Iria adornar.  
Com tanto que tu  
Soubesses me amar.

Se Diana eu fôra  
Quizera caçar  
As mais lindas aves  
Para te offertar.  
Com tanto que tu  
Soubesses me amar

Mas se nada eu sou  
Como te offertar,  
Tão lindas cousinhas  
Para te agradar?  
Com tanto que tu  
Soubesses me amar.

## Anjo de amor

Quando teus labios desprendem  
Terno riso encantador,  
Sinto quão doce é-me a vida,  
N'um teu riso, anjo de amor.

Sem ti são tristes meus dias  
Duro e penoso viver;  
Junto a ti, preso em teus braços  
Gozar quero até morrer.

E' meu destino adorar-te  
Embora sejas perjura;  
O meu amor não esmaga  
A pedra da sepultura.

Os laços com que me prendes  
Ainda mais quero apertar,  
Não é crime, antes virtude  
Firme sempre te adorar.

Póde o gelo do sepulchro  
Tirar-me da vida o calor;  
Mas d'um peito firme amante  
Apagar não póde o amor.

Venha a morte embora um dia  
Sobre mim seu furor, farte,  
Morto, extincto, em meu sepulchro  
Este peito ainda ha de amar-te.

## O gigante de pedra

Lá n'aquelle gigante de pedra  
Que se diz Corcovado chamar,  
Quero dar expansão a meu canto  
Quero só minhas magoas chorar.

Lá mesmo irei esquecer  
A' quem tanto me odeia e maltrata,  
A donzella que assim me despreza  
E a mulher que sorrindo me mata.

Meus suspiros envoltos com as nuvens  
Subirão a etherea mansão,  
Já no mundo não ha um vivente  
Que console este meu coração.

Deixarei miuha pobre choupana  
A um amigo extremoso o meu lar  
Maldizendo do mundo e das cousas  
Irei minha existencia findar.

### *Estribilho*

Quando a lua vier a meia noite  
Do gigante a face beijar  
Compassiva de ouvir minhas queixas  
Lenitivo a meu pranto ha de dar.

---

## Era outr'ora a minha vida

Era outr'ora a minha vida  
Vida inteira que eu gozava;  
Era o fresco albor da aurora  
Que no horizonte despontava.

Minha vida hoje se aparta  
Da vereda da paixão;  
Que nos mostra um só abysmo,  
Que nos queima qual volcão.

Que vida goza quem vive  
Sem ser de amor dominado;  
E' feliz porque não traz  
Alma e peito apaixonado.

Vive então como no céo  
Os anjos, que, junto a Deus;  
Quem não soffre como eu soffro  
Os tristes gemidos meus.

Como gemidos que sahem  
De dentro do peito meu,  
Como um triste, que não acha  
Lenitivo ao pranto seu.

Perde a rosa o seu alento,  
Tambem perde o seu candor;  
Das flores a mais querida  
Que se dá ao terno amor.

Qual Veneza que se banha  
No Adriatico gentil;  
E' cidade da montanha  
E' princeza do Brazil.

Vinde oh ! meu Deus dar allivio  
A meu triste coração;  
O teu sim—a minha vida  
A minha morte o teu não.

## Qual bate em duro rochedo

Qual bate em duro rochedo  
Onde a vaga sem effeito,  
Assim meus ternos suspiros  
Batem de encontro a teu peito.

Mas, bella marcia,  
Tanta dureza,  
Torna horrorosa  
Tua belleza.

Embora, cruel, não queiras  
Meus gemidos escutar,  
Hei de amar-te enquanto vivo,  
Morrendo hei de te amar.

Mas, bella marcia,  
Tanta dureza,  
Torna horrorosa  
Tua belleza.

Quaes os meus ternos suspiros  
Batem em teu peito em vão,  
Aceita os crueis desprezos  
Vindos do meu coração.

Mas, bella marcia,  
Tanta dureza,  
Torna horrorosa  
Tua belleza.

## O descrido

Que me importa prazeres da terra,  
D'esses raios o louco furor;  
Que me importa o rugir da tormenta,  
D'essas vagas faiscas de horror.

Que m'importa que o mundo se acabe,  
Que na terra só eu fique rei;  
Que m'importa, se o mundo eu detesto,  
Se desprezo e rancor lhe votei.

Venha embora corisco e raios,  
Roubar doce esperança de amor:  
Que este peito de marmore e gelo  
Só tem fé no tormento e na dor.

Tive fé, muita fé, n'esta vida,  
Crenças mil n'este meu coração;  
Mas qu'importa se seccas, myrradas,  
Eil-as todas perdidas no chão.

Já não tenho uma esp'rança n'est'alma  
Que o cynismo varou-me de fel;  
Além sim que só podem caveiras,  
N'esta fronte cingir um laurel.

Eia, avante, meu peito eia avante,  
Solta um brado de terno estampido;  
Que soando, soando nos ares,  
Là repita brandando—descrido.

## Uma ingrata, uma inconstante

Uma ingrata, uma inconstante,  
Que eu amei mais do que a mim,  
Unio o ciúme á saudade  
Para meus dias dar fim.

Já que não posso  
Nunca esquecer-a,  
Mesmo trahido  
Desejo vel-a.

Cruel destino,  
Céus compaixão,  
Para um desgraçado  
Morte ou perdão.

Por amar sómente a ella  
Infeliz ao mundo vim,  
Ao mundo veio a tyranna  
Para meus dias dar fim.

Já que não posso, etc.

Anjo na voz e na apparencia,  
Qu'a julgava assim,  
Fas ella tornou-se féra  
Para meus dias dar fim.

E que não seja  
Meu peito igual,  
Ainda suspira  
Por monstro tal.

## Porque oh! morte cruel

Porque oh! morte cruel  
Minha alegria roubastes,  
Porque do filho que amava  
Os tenros dias cortastes ?

Sua innocencia  
Não te moveu ?  
Como é féro  
O fado meu.

---

## Ai de mim

POESIA DE INNOCENCIO REGO

Gemendo em vão minha dôr,  
Mil suspiros vou soltar ;  
Consumo assim minha vida  
Triste pranto a derramar !  
Ai de mim ! eis meu viver,  
Suspirar até morrer.

Aquella que eu tanto adoro  
Menospreza o meu amor,  
Deixa-me assim ir penando  
Soffrendo cruenta dôr !  
Ai de mim ! eis meu viver,  
Suspirar até morrer.

Victima da desventura  
Soffrerei a minha sorte,  
Deixarei de padecer  
Quando emfim vier a morte !  
Ai de mim ! eis meu viver,  
Suspirar até morrer.

## Solidão

MODINHA

Para ser cantada com a musica da modinha — Quando eu morrer  
ninguem chore a minha morte

E' triste a solidão como nas matas  
Da casta pomba o solitario arrulho ;  
Como do céo as rotas cataratas  
Ao som do mar em horrido marulho.

Sentado como em face de agonias  
Tenho minh'alma a desfolhar lembranças ;  
Não sei que sorte vem coar meus dias  
Por tantas dôres e por taes provanças.

Mãi da tristeza, socia das insomnias  
Noite e dia me segue a solidão ;  
E em suas difficeis acremonias  
Me cança o peito e azeda o coração.

Aqui de imagens bellas se povoa  
Alli de faxas negras se atavia  
E em vozes sepulchraes pavida echoa  
Como assopros do vento em noite fria.

Se as portas matutinas vão se abrindo  
A roxa aurora no horizonte em fego ;  
Quem velou no silencio, a sós sorrindo  
Vai recebê-lo ao nascimento logo.

Mas o silencio, e a solidão que dura  
Vem sempre o riso suspender-lhe em meio ;  
E o dia é triste como a noite escura  
Mesmo das rosas matinaes no seio.

O vôo altivo d'aguia, e icareas azas,  
Quizera eu ter para transpor espaços ;  
Porque este peito que me arde em brazas  
Fôra acalmado nos paternos braços.

A. C. Q. PEÇANHA.

---

## A flor perdida

POESIA DE ELOY DA SILVA PASSOS

Como pôde a flor viver  
Sem orvalho que alimente ?  
Quando as flores já perdidas  
Vão murchando tristemente.

Essa flor que de tão bella  
Seu perfume embriagou-me,  
Nem sequer das folhas tem  
A lembrança que entregou-me.

Ah ! mas na lembrança já tive  
Esse perfume de amor.  
Hoje perdida de todo  
Coitada morreu de dor.

Quando o sol bem aquecido  
Vem queimar essa flor,  
Reguei-a enfim com meu pranto  
Triste lembrança de amor.

Eis ahi como na terra  
Tudo vem a definhar.  
Só não definha a lembrança  
Daquelle que sabe amar.

## E' tão formosa Marilia Bella

E' tão formosa  
Marilia bella,  
Qu'eu de continuo  
Morro por ella.

Apenas vi  
O seu semblante,  
Tornei-me outro  
No mesmo instante.

No seu semblante  
De fina côr,  
Diviso abertas,  
Rosas d'amor.

Se me concedes  
Um terno beijo,  
Do céu, da terra  
Nada desejo.

Morena bella  
Por piedade,  
Guardai firme  
Nossa amisade.

Confusa fica  
Os olhos volve,  
Levanta a voz  
E assim resolve

Vivamos juntos  
Em doces laços,  
Depois me aperta  
Entre teus braços

Então lhe digo  
Bella pastora,  
Tu és mais linda  
Que a própria aurora.

Suspira a bella  
E emmudece  
Volve os olhos  
E de fallece.

Vejam amantes  
Que sensação  
Não sentiria  
Meu coração.

---

## O anjo da harmonia

POESIA DE GONÇALVES DIAS

Revela tanto amor, tão branda sóa  
A tua doce voz canora e pura,  
Que o homem de a escutar sente no peito  
Infiltrar-lhe um raio de ventura.

Solta-se a alma das prisões terrenas  
O mundo, a vida, o soffrimento esquece,  
Embalada n'um ether deleitoso,  
Como Alcion nas aguas adormece !

De noite a placidez é menos grata  
A quem sosinho e taciturno vela,  
Quando, perdido n'outros mundos nota  
A meiga luz de fugitiva estrella.

Das aves o cantar é menos fresco,  
E' menos triste a fonte que serpêa,  
Menos queixoso o mar que enternecido  
Beija na praia a scintillante arêa.

Vagas na terra suspiroso archanjo ;  
Derramando torrentes de harmonia,  
Sobre as chagas mortaes—balsamo santo  
Que as mais profundas magoas allivia.

Vagas na terra merencoria e bella ;  
Mas quando deste mundo ao céo tornares,  
Juntarás teus ternissimos accentos  
Aos puros sons dos mysticos altares.

E-os anjos na mansão das harmonias,  
Encostados ás harpas diamantinas,  
Folgarão de te ouvir celestes carmes  
Deduzidos em notas peregrinas.

E dirão :— Nunca as plagas do infinito  
Subio mais terna voz, mais fresca e pura,  
Se o corpo é da mulher, sua alma e vaso,  
Onde o incenso de Deus se afina e apura.

## Sonhei que mil flores

Sonhei que mil flores  
N'um prado colhia,  
E sobre o teu collo,  
Armania, espargia.

Que fina grinalda  
Então te offertava,  
Que beijos sem conta  
A furto te dava...

Sonhei que constante  
Juravas de ser-me :  
Emquanto da vida  
O sopro aquecer-me.

Então minh'Armania  
Feliz me julgava,  
Em ver a meu lado  
Aquella que amava.

Mas tanta aventura  
Tornou-se illusoria,  
E d'ella conservo  
Apenas a memoria.

Capellas e flores,  
Prados e jura,  
Foi sonho enganoso  
Foi tudo amargura!

Assim, minh'Armania,  
Vou triste passando,  
Em sonhos sómente  
Venturas gozando...

Até que um dia  
Feliz e ditoso,  
Me torne contigo  
Assaz venturoso!...

---

## Vem donzella na hora extrema

NOVA MODINHA

Vem donzella na hora extrema,  
Cinge ao meu teu casto seio,  
E corando em mago enleio,  
Vem dizer-me um triste adeos.

Adeos rosa d'innocencia,  
O' virgem dos songos meus!

N'um sorriso teu divino  
Unge o raio de esperança  
E qual astro de bonança  
A minha noite illumina.

Adeos lyrio de candura,  
Adeos fada peregrina.

Dá-me um só beijo... com elle  
Metiga da ausencia as dores ;  
E beni como a aurora as flores  
Me orvalha o sonho amoroso.

Adeos flor, celeste virgem  
Minha fada, anjo formoso.

## Lembranças da patria

La quando a noite já se aproxima  
Do manto envolto de negra côr,  
Por entre nuvens surgindo a lua  
Ao pensamento no traz amor.

Então quizera sulcando os mares  
Ir ver a patria, meu doce encanto,  
Sentir minh'alma gozar venturas,  
Ir ver esse anjo, que adoro tanto.

Lá quando a noite d'almo luar  
Ouço na rocha o mar bater,  
E quando a lua já vai bem longe  
Harpas sonoras ouço tanger.

Crueis saudades então eu sinto  
D'esse meu anjo que adoro tanto ;  
Sentir minh'alma gozar venturas,  
Ir ver a patria, meu doce encanto.

Aqui eu vejo tambem bellezas,  
Virgens amaveis de meigo olhar ;  
Vejo florestas sempre virentes,  
Que aos céos parecem que vão chegar.

Mas ah ! que tudo vem me recordar  
Esse meu anjo que adoro tanto ;  
Sentir minh'alma gozar venturas,  
Ir ver a patria meu doce encanto.

## A Estrella

NOVA MODINHA

Para ser cantada na musica da modinha — Acorda minha querida

Vem vêr oh ! virgem formosa  
Lá no céu brilhante estrella,  
Como se mostra garbosa  
Rutilante, pura e bella.

Contempla virgem o astro  
Pousado no firmamento,  
Esquece do mundo as dôres  
Põe nelle o teu pensamento.

E's donzella, e no teu peito  
Tens sensível coração,  
Nem sequer pensas que o mundo  
E' morada da — illusão !

Te conserva sempre pura,  
Faceira, galante e bella.  
Segue o exemplo menina  
Daquella brilhante estrella.

---

## Eu amo as flôres

Eu amo as flôres que mudamente  
Paixões explicam, que o peito sente ;  
Amo a saudade, o amor perfeito,  
Mas o suspiro trago no peito.

A fôrma esbelta termina em ponta  
Como uma lança que ao céu remonta ;  
Assim minh'alma, suspiros geras.  
Que ferir podem as mesmas feras.

## Alta noite

Alta noite, tudo dorme  
Tudo é silencio na terra  
Nem sequer nos ares erra  
Negro mocho gemedor ;  
Oh ! que horas tão propicias  
Para quem morre de amor.

Já se abre a gelosia  
De seu bem caro, adorado,  
Ancioso o — prazo dado  
Espera o seu amador ;  
Vem saudosa e grata amante  
Que por ti suspira amor !

Leonor, meu doce anjo  
Vem, que bate a hora primeira,  
Vem pela vez derradeira  
Abraçar o teu cantor !  
Nos teus braços ache a vida  
Quem por ti morre de amor.

Só por ti affronto a sorte  
Que a vida de ti amada  
A cruel golpe de espada  
Vou por ti contente expôr,  
Oh ! por mim seja o triumpho,  
Que por ti é meu amor.

A gelosia se abre  
E' hora da despedida,  
Pudesse aqui minha vida  
Findar da saudade a dôr  
Vem saudosa e grata amante  
Tua porta abrir a amor.

## Eu vi teu rosto

Eu vi teu rosto  
Que indicava,  
Seres sensível  
A quem te amava.

Logo em te amar  
Então pensei,  
E fido amor  
Te consagrei.

Quando minh'alma  
Em ti pensava,  
Em mil delicias  
Se mergulhava.

Agora vejo  
Que a natureza,  
Não te deu mais  
Do que belleza.

N'esses teus labios  
D'alma e ternura,  
Vi no teu riso  
Rir-se a ventura.

Quanto enganei-me  
Que o riso então,  
Da falsidade  
Era a expressão.

A mão tomei-te  
Corou-te o pejo,  
Voltaste a face  
Furtei-te um beijo.

O doce nectar  
Que então bebi,  
Que era veneno  
Depois senti.

Magica rosa  
Nos teus carinhos,  
Só vi as côres  
Nunca os espinhos.

Fórma e perfume  
Foi illusão,  
Trago os espinhos  
No coração.

Mesmo na terra  
Julguei eu vel-a,  
Astro divino,  
A minha estrella.

Fallar no brilho,  
Na claridade,  
Marcava um ponto  
De tempestade.

N'um olhar puro  
Relanpejante,  
O céo mostrou-me  
Por um instante.

A visão teve  
Cruel desmaio,  
Foi-se o relampago  
Ferio-me o raio.

---

## Acorda minha querida

Acorda, minha querida  
Acorda, fuge do leito,  
Vem ouvir a voz do peito  
Do teu triste trovador.

Oh! céos que silencio,  
Que dôr, que penar,  
Que grato luar  
Que noite de amor!

Vem vêr Diana formosa  
Dos amantes protectora,  
Vem abraçar como outr'ora  
Teu constante trovador.

Oh! céos que silencio, etc.

Troca o sonho que illude  
Pela verdade ditosa,  
Vem consolar amorosa  
Teu saudoso trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

N'este sitio onde ditoso  
Já gozei o teu carinho,  
Não deixes gemer sozinho  
Teu amante trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

Mas ah ! de balde te chamo...  
Só me escuta a natureza,  
Já do somno és feliz presa,  
Não ouves teu trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

Bella lua além fulgura,  
Em mimoso céu de anil,  
Mas aqui nem um ceutil  
Allumia o trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

Acorda virgem formosa  
D'esse teu meigo dormir,  
Vem escutar o carpir  
Do teu triste trovador.

Oh ! céos que silencio, etc.

## Quizera ter harpa

MODINHA BAHIANA

Quizera ter harpa,  
Dos céos afinada,  
Que meiga vibrasse  
Canções de harmonia ;  
Nas azas do genio  
Aos astros voando,  
Que trovas tão bellas.  
Por ti eu faria !

Então eu cantara,  
Mulher de meus sonhos,  
Com doce magiã,  
Com doce primor ;  
Seriam meus carmes  
D'amor repassados,  
Qual hymno de virgens  
Louvando ao Senhor.

### *Estrilho*

Mas já que só nutro desejos ardentes  
Que nascem, que morrem, no meu coração !  
Debalde quizera meu arjo cantar-te,  
Não tenho na terra tão mago condão.

Mas já que não posso offertar-te uma trova  
Singela e mais pura de meiga expressão,  
Em campo de fogo teu rosto adorado  
Conservo guardado no meu coração.

## Caso de amor tão fingido

Caso de amor tão fingido  
O que fiz hoje não faço  
Eu por ti já dei a vida  
Hoje não dou nem um passo.

Basta oh ! cruel, já não posso  
Soffrer da sorte o rigor,  
Pois não vês que por ti padeço  
Lembranças do nosso amor.

Se fazes gosto em deixar-me  
Ninguem te priva, oh ! cruel,  
Mas ao menos saiba o mundo  
Que te fui sempre fiel.

Basta oh ! cruel já não posso, etc.

Um pensamento de morte,  
Uma lembrança de amor,  
Uma esperança perdida  
Eis o que faz minha dôr.

Basta oh ! cruel já não posso, etc.

Vem o Lilia, vem chorosa,  
Em meus braços reclinar-te,  
Vem ouvir ternos queixumes  
Quero tudo relatar-te.

Basta oh ! cruel já não posso, etc.

Vês cruel, quanto padeço,  
Vê também qual é meu fado,  
Vê que na vida de amores  
Quem ama quer ser amado.

## O teu olhar

MODINHA BAHIANA

O Teu olhar fascinante,  
Captivou o peito meu ;  
E' rara a linda pintura  
Que Deus sómente te deu.

Te adoro como na terra  
Não ha quem possa adorar  
Armia, dai-me esperança  
De eu um dia te gosar.

### *Estrilho*

Cruel paixão  
Me predomina ;  
Ser infeliz  
E' minha sina,  
Tem compaixão,  
Querida Armia,  
De quem te ama  
Por sympathia.

---

## A mulher

A' mulher, esse dragão da humanidade  
Que a obra mais perfeita maculou,  
Não é dado do crime abstrahir-se,  
Pois ferrete fatal a indigitou.

O bondoso e incauto homem  
Vai a mulher agradecer,  
Mas a cruel, fementida  
Duro fel lhe faz tragar.

A mulher quando ostenta seus carinhos  
E' p'ra o homem arrojara á negra dôr.  
E elle tão benigno, tão improvido,  
Cada vez lhe consagra mais amor.

O bondoso e incauto homem, etc.

A mulher quando diz amar o homem  
E com o fim de executar a falsidade,  
E se disso se preserva algumas vezes,  
Não é por lhe ter grande amizade.

O bondoso e incauto homem, etc.

A mulher tem o attributo da maldade  
Que muitas vezes se divisa em seu semblante,  
E sempre procurando o atroz embuste  
Vai alfim apunhalar o peito amante !!

O bondoso e incauto homem, etc.

A mulher sempre tem em sua mente  
O desejo do artificio e da illusão,  
Ella vai atraiçoar o incauto homem  
Quando mesmo lhe offerece a sua mão !!....

O bondoso incauto homem, etc.

A mulher inda dotada de bondade  
Sempre tem o character de perjura.  
E' condição da qual nunca se afasta  
Se não quando intervem a parca dura !!...

O bondoso e incauto homem, etc.

## Como a rosa amor dura um só dia

MUSICA DE RAPHAEL COELHO

Como a rosa amor dura um só dia,  
Ninguem creia nos votos d'amor,  
Sois mimosa, do cume da gloria  
Precipita no abysmo da dôr.

Só contigo, no peito e na mente  
E's meu bem, tu meu Deus cá na terra,  
E' por ti que meu peito palpita  
E' em ti que o mundo se encerra.

Insensato é o homem que pensa,  
Gozar vida sem ter dissabor,  
Terno amor que ao prazer nos conduz :  
Nos arroja no abysmo da dor.

Já no mundo gozei mil venturas,  
Fui feliz, fui ditoso em amor,  
Hoje vivo de todo esquecido  
Sepultado no abysmo da dor.

Insensato é o joven que pensa,  
Ter amantes com ingratidões  
Entre amor não ha tyrannia  
Que escravisa nossos corações.

Já no mundo gozei de venturas,  
Fui feliz, fui ditoso em amor,  
Hoje vivo de todo esquecido  
Sepultado no abysmo da dor.

## Despeito

Eu tambem sonhei venturas,  
Eu tambem tive illusão,  
Amores dentro do peito,  
Prazeres no coração.

Mas hoje apenas me resta  
Tristes ais soltos em vão.

Na rocha da desventura  
Minha illusão se findou  
Quanto amei, hoje detesto,  
A mulher que me enganou.

Detesto a vida que ella  
Para sempre envenenou.

Viva embora feliz  
Essa mulher que adorei  
Seja-lhe o canto do mundo  
O amor que lhe jurei.

Seja-lhe só a lembrança  
Os beijos que nella dei.

Do inferno mão abrasada  
Mil insultos violentos  
Imprimam n'aquellas faces,  
N'aquelles labios cruentos.

Que cuspidos — não beijados  
Não fariam meus tormentos.

# RECITATIVOS

## Teu doce amor

BETHENCOURT DA SILVA

Da luz sublime que te inunda os olhos  
Vem dar-me um raio de eternal fulgor ;  
E no meu peito a suspirar amante  
Dá-me as delicias do teu doce amor.

Quero-te muito, matutina estrella,  
Celeste musa, peregrina flôr,  
Por ti velando, suspirei saudoso,  
Chorando a falta do teu doce amor.

As auras brandas do correr da tarde,  
O ether puro de azulada côr,  
Não têm perfumes como tens nos labios,  
Nos ternos beijos do teu doce amor.

O céo e os astros, a prateada lua,  
O fogo ethereo que nos dá calor,  
Não tem imperio no meu ser inteiro  
Como os perfumes do teu doce amor.

Não era um sonho que eu guardava n'alma  
Nas vivas chammas de um sentido ardor,  
Eram as rosas de um affecto immenso,  
Eram saudades do teu doce amor.

Mas hoje sinto que acordei de novo,  
Que ás faces volta o juvenil rubor,  
Nova existencia no teu seio encontro  
Nos teus afagos, no teu doce amor.

## A transviada

Trajando galas nos encantos bella,  
Caminha ella sem saudar-lhe alguém,  
Passeia em carros, no theatro ostenta  
Tudo que inventa que lhe fique bem !

Porém qual flôr que no calor da festa  
As petalas cresta, para depois murchar ;  
Ou mariposa que no voar s'inflamma  
Em torno á chamma que a vai queimar.

Assim foi ella ; essa vil mundana,  
Na orgia insana, se atirou perdeu !...  
Foi mariposa que queimando as azas  
Do ardor das brazas nunca mais se ergueu.

E essa infame, despresando o esposo,  
Que eterno gozo lhe faria ter !  
Prestes se atira—que fatal loucura,  
Na vida impura que lhe dá prazer.

Amou-a elle, como amar no mundo  
Jámais profundo, pôde amar alguém !  
D'amor tão puro deslumbrou-se a ingrata  
Que o affecto o mata, no alcance—além !

Tudo mais nobre que sentio no peito  
Lá jaz desfeito pelo atroz afan,  
Matou-lhe as crenças infernaes orgias,  
Noites sombrias que não têm manhã !

Hoje apontada pelo audaz cynismo,  
Mede o abysmo, quer fugir-lhe em vão ;  
Que a turba aponta-lhe uma bolsa infame  
E em face brame—já não ha perdão !

Marcou-a o mundo com fatal sinete !  
Esse ferrete que tão negro é ! . . .  
E em represalia, a mulher perdida  
Vive uma vida, sem moral, sem fé !!

Mal diz o mundo, que a soffrê ainda !  
Se é bella ou linda, tem vassallos seus !  
Mas não se lembra, desgraçada errante,  
Da fulminante maldição de Deus !

Qual aguia altiva de voar cançada  
Mais apressada na descida vai ;  
Assim aquella que perdeu a calma  
Corpo sem alma—na miseria cai !

Mulher perdida, de que te servem galas,  
Ou meigas fallas, que fingidas são ?  
Se n'esses olhos, em que affectas calma  
Lê-se a tu'alma, que só diz—traição !!

Que valem sedas, deslumbrantes modas,  
Marcadas todas com tão vil moeda ?  
Vendes o corpo para comprar enfeites,  
Gozar deleites que a moral te véda !

Desenfreada nas paixões insanas  
A's vis mundanas atirar-se vão ;  
Todo o seu ouro gasta em coquette  
E na velhice, nem sequer p'ra pão !...

Altivos paços, habitar pretendem,  
Ellas que vendem seu fingido amor,  
Rubras se mostram, virginaes fugaces,  
Mas n'essas faces, já não ha pudor!

Cynicas vivem, na miseria morrem !  
Nem as soccorre bemfazeja mão !...  
Bem penitentes ao sepulchro baixam  
E lá nem acham uma cruz no chão !

---

### O sonho no cemiterio

Bramia o vento na folhagem verde  
Do arvoredado que existia ahi ;  
E as chammas vivas que do chão saham,  
Quaes pyrilampos, divagarem vi.

Funereo canto de agoureiro mocho,  
N'esse momento pareceu-me ouvir :  
E o campanario, meia noite dando  
Horrorisou-me, que tentei fugir !

D'ahi ha pouco que pavor sombrio,  
Tudo era quedo, merencorico e triste ;  
Seguindo a custo repeti comigo :  
—A paz dos mortos na mudez, consiste.

Ainda em susto caminhava tremulo,  
Eis surgem chammassas que meus olhos cegam ;  
Faltam-me as forças e cahindo exhausto,  
N'uma caveira minhas mãos se apegam !

Ouçõ um gemido que sahio de um tumulto,  
Mais tarde um pouco repetir-se ouvi ;  
Eis de repente vi surgir da campa,  
Fantasma horrendo que bradou — fugi !...

Então o medo vigorou-me os passos,  
Fugi tremendo d'esse asylo horrendo,  
E quantas vezes tropeçando em craneos  
Sobre as ossadas bñqueei gemendo.

Tentei erguer-me, foi baldado o intento ;  
Força invencivel me retinha abi...  
Nãõ eram ossos, nem funereo leito.  
Era um cadaver... que pavor senti !

Pallida e fria e de vestido branco,  
Ergueu os cylios e fitou-me altiva ;  
Reconheci-a pelo olhar divino,  
E disse alegre :— Sou feliz, és viva.

Ella enlaçou-me nos marmoreos braços,  
Abrio os labios e bradou — vingança !  
Que voz horrivel, que gelado corpo,  
Que rosto pallido de gentil crianca !...

Acorda, Eulina, que delirio é esse ? !  
Foge comigo do jazigo horrendo...  
— Morri para o mundo, só tu foste a causa  
D'inda minh'alma divagar soffrendo.

— O que fizeste da grinalda branca  
Da pobre virgem que vivia só ?...  
As tristes flores desfolhastes ao vento,  
As pobres folhas arremessaste ao pó !

Como a planta da calmosa tarde  
Fenece a mingua do divino orvalho,  
Curvado ao peso de fataes remorsos,  
Serás qual tronco de pendido galho.

Mulher, perdóa se roubei-te a honra,  
Se em fogo ardente requeimei-te as flores,  
Atroz descrença germinou-me n'alma  
Enfebricida nos fataes amores.

Descrentê eu tinha minha mente em fogo  
E lastimando meu soffrer, então  
Afogueada, n'um transporte louco,  
Vieste pura me estender a mão.

Como o ebrio na orgia busca  
Cynicos beijos de mulher perdida,  
Eu apossei-me de tu'alma virgem  
Depois errante me engolfei na vida.

E nem teu pranto enterceu meu seio !...  
Indifferente me sorri tambem !...  
Ai ! mariposa que queimando as azas,  
Depois tombastes para morrer além !

Eu fui culpado, bem conheço o crime  
Porque sorveste o amargoso fél !...  
N'essas vigalias em que passo as noites,  
Vem o remorso me bradar—cruel !

A brisa echôa—maldição eterna...  
Sybila o vento—maldição tambem !  
E nessas horas quando eu vello as noites  
Sempre fantasma eu distingo além !...

Perdôa, Eulina, compaixão te peço,  
Não queiras vivo sepultar-me aqui ;  
Deixe que eu erre n'este mundo ingrato  
Sem ter prazeres que jámais frui.

Teu frio corpo regelou-me o peito,  
Deixa que eu fuja do jazigo horrendo...  
— Morri para o mundo só tu foste a causa  
D'inda minh'alma divagar soffrendo !

Perdôa, Eulina.— Perdoar não posso,  
Juraste amar-me té findar a vida ;  
Tu me pertences, jazerás comigo  
N'esta tão fria sepulchral guarida.

Pallida e fria e de vestido branco  
Junto ao seu corpo comprimio o meu !  
Que de martyrios, que gemer pungente,  
Minh'alma triste que pezar soffreu !

Ruge a borrasca, no sepulchro echôa,  
Bramindo feio se despenha o raio ;  
Chovem ossadas no meu debil corpo,  
Que exhausto é preso em fatal desmaio !...

Ai!... era um sonho!... que sonhar horrivel...  
Ergui os cylios despertei gemendo ;  
Depois da orgia vaporosa e cynica,  
Eu tive o sonho que narrei tremendo.

---

## Scismas do crepusculo

POESIA DE A. J. SOUZA

Adoro um anjo como adoro as flores  
A borboleta que no prado vaga ;  
Adoro um anjo como adoro a virgem  
O sonho eterno que na mente afaga.

Adoro um anjo como adoro a luz  
Na floresta o viajor perdido ;  
Adoro um anjo como adoro a abelha  
O mel das flores no vergel sorvido.

Adoro um anjo como adora o infante  
A voz materna de caricias cheia ;  
Adoro um anjo como adora a noiva  
A doce chama que seu noivo ateia.

Adoro um anjo como o nauta afflicto  
Adora o iris que lhe traz bonança ;  
Adoro um anjo como amante triste  
A phrase tremula que lhe dá esp'rança.

Adoro um anjo como adora o orvalho,  
A flor do valle que sorria n'aurora ;  
Adoro um anjo como adora a patria  
O exilado que saudoso chora.

Adoro um anjo como adora o escravo  
Da liberdade o suspirado goso ;  
Adoro um anjo como o cysne o lago  
Onde se mira deslisar garboso.

Adoro um anjo como a brisa adora  
A flôr do campo que passando beija ;  
Adoro um anjo como o manso gado  
Adora a relva que a seus pés viceja.

Adoro um anjo como a camponeza  
Adora a festa que se faz n'aldêa  
Adoro um anjo como um sertanejo  
Adora o leito terminada a ceia.

Adoro um anjo como adora a virgem  
Os sons da valsa no salão florido ;  
Adoro um anjo como adora a mãe  
O filho amado que julgou perdido.

E esse anjo que eu adoro assim  
B's tu querida que sorrís-me bella,  
Pharol divino que me guia a vida  
N'um céo de amores minha doce estrella.

Oh! sim, adoro-te, como o crente a Deus,  
E na minh'alma, te eregi, um templo,  
Seja meu canto perfumado incenso.  
Em torno a ti, que és da virtude exemplo.

E quando a morte despedaçar-me a lyra  
Que o som final morra no ar fugindo,  
Voemos juntos á mansão dos anjos  
Compareçamos ante Deus sorrindo.

---

### A revista nocturna

A' meia noite quando todos dormem  
E ladra a lua o solitario cão,  
Ouvem-se rufos : um tambor estranho  
Acorda os mortos que enterrados são.

Das negras campas apressadas surgem  
Hostes guerreiras que tiveram fim ;  
A caixa rufa repetidos rufos,  
Retumba ao longe marcial clarim.

Da Italia bella nos fecundos campos,  
Da Russia fria no terreno troz,  
No Egypto ardente, na briosa Hespanha  
Repetem echos do instrumento a voz.

Os bravos formam as tremendas filas  
Que ao peito incutem natural pavor ;  
Não correm, voam os corseis ferosos,  
Que a espora incita o desmedido ardor.

Os alvos craneos ao luar reluzem,  
Tremem penachos, que formosos são,  
As armas tremem, os cavallos rinham  
Mastigam freios, escarvando o chão.

Entre mil vivas o famoso chefe  
Eis que da campa resurgido vem ;  
Não traz divisas no casaco branco,  
Move impassivel o corcel que tem.

Seguem-se aos lados marechaes valentes,  
Que a morte arrostam, que não tem temor ;  
Ney, destemido na refrega intensa,  
Murat fervendo em marcial ardor,

Erguem os soldados as luzentes armas ;  
Beijando a terra o pavilhão está ,  
E o chefe exclama : A denodada França  
Eterna gloria nas nações terá !

E' a revista que o moderno Cesar  
Passa aos guerreiros que enterrados são :  
A' meia noite quando todos dormem  
E ladra á lua o solitario cão.

## O canto da virgem

BITHENCOURT DA SILVA

Eu sou qual rosa, na manhã serena,  
Ao sol rompendo o coralino encanto  
Se a brisa passa, na singela aragem,  
Aos céos envio meu perenne canto...

No liso espelho de azuladas aguas  
Eu miro ás vezes meu gentil semblante ;  
E as estrellas de meus olhos lindos  
Alli retratam seu luzir brilhante.

Das meigas flôres que no prado colho  
Não ha nenhuma como eu tão bella...  
Mas aos perfumes eu lhe ajunto beijos  
E d'ellas teço virginal capella.

A' claridade de um luar ameno,  
Nas verdes folhas dos meus verdes annos,  
Eu passo a vida descuidada e pura,  
Do mundo longe, dos mortaes enganos.

Se as avesinhas, ao albor d'aurora,  
Nos seus gorgeios vem saudar o dia,  
Eu reso á noite uma oração de amores,  
Gratos perfumes de immortal poesia.

Feliz, ditosa, só em Deus pensando,  
Caricias, goso de uma mãe querida ;  
No seu regaço doce amor me enleia  
E aos seus afagos eu entrego a vida.

## Minh'alma é triste

CAFIFE

(Imitação)

Minh'alma é triste como é triste a filha  
Que geme afflicta por morrer-lhe o pai  
E' triste como — o triste adeus do filho  
Que a mãe abraça e para a guerra vai.

Minh'alma é triste como a voz do nauta  
Que sobre as ondas o soccorro implora,  
E' triste como pesaroso pranto  
Da mãe querida que p'la filha chora.

Minh'alma é triste qual ranger dos gonzos,  
E' triste como o rebentar da vaga;  
Inda é mais triste que o adeus da vida  
Da mãe que morreu e a filhinha afaga.

Minh'alma é triste como é triste a supplica  
Do desvalido que mendiga um pão;  
Minh'alma é triste como o som do bronze,  
Nuncio da morte de um querido irmão.

Minh'alma é triste como é triste a sorte  
Do pobre esposo que ao degredo vai;  
E' triste como triste ai pungente  
Da infeliz filha que em deshonra cai.

## O opulento

Eil-o que passa em seus trens faustosos  
Ebrio das pompas que a riqueza dá ;  
Lança dos olhos um olhar d'affronta,  
Ligeiro roda, e nem se avista já !

Insulto, escandalo, a miseria extrema,  
Que ás portas bate do infeliz, que só,  
Vive em penuria, se é viver a vida  
Eivada sempre de martyrio e dó !

Por altas noites, em salões dourados,  
Se agitam danças de um folgar sem fim ;  
E o rico mostra no esplendor que ostenta  
Ornatos propios de um real festim !

Soam descantes, e harmonias soam,  
Que infiltram n'alma a languidez do amor...  
E entre os folguedos, que de véos se rasgam...  
Celestes véos de virginal pudor !...

E as noites voam, fugitivas, ledas,  
Entre as delicias que a ventura tem,  
E aos sons festivos, que ao prazer convida,  
Lá vão saudosos murmurando além.

A's mesmas horas, que as familias gemem,  
Tragando o calix d'amargoso fel !...  
A quantos crimes não arrasta a fome  
Com seus tormentos de um pungir cruel !

Triste viuva, que vivia pobre,  
Lutando em balde contra acerba dor,  
Vendeu as filhas ao brilhar da infamia !!  
Cedeu ao crime... santo Deus ! que horror !

Sobre as arcadas do mosteiro antigo,  
Que a lua esmalta com saudosa luz,  
Dous orphãosinhos sem um tecto ao menos  
A' sombra dormem do velar da cruz !

Honrado artista sobre um leito humilde  
Cai sem alento, que não póde mais...  
Trabalha sempre, na miseria immerso,  
Para soffrer penas no porvir fataes !

Velho soldado, que ao bradar da patria  
Vertera o sangue no calor da acção...  
Vergonha ! opprobrio ! maldição eterna !  
Hoje, esquecido, lá mendiga o pão !

A casta virgem á penuria cede !...  
Do erro ao crime só um passo vai !  
Era hontem pura, criminosa é hoje,  
Amanhã perdida, nas orgias cai !

E o rico folga nos saráos luzidos  
Sorrindo a todos com um sorrir mordaz...  
E o rico baldo aos sentimentos nobres  
Seu ouro esgota no prazor fallaz !

Só não tem ouro para valer ao pobre...  
Só não tem ouro para calar a dor...  
Só não tem ouro para salvar a virgem  
Dos torpes laços de um mentido amor !...

• • • • •  
Homens ditosos, que folgaes no luxo,  
Vergai á dor, á compaixão vergai ;  
E os agros prantos de martyrio e sangue,  
Nos lassos olhos do infeliz seccai.

Dai-lhes os sobejos dessas mesas lautas,  
Que as mais das vezes arrojais ao chão !  
Folgai, embora, mas roubai a fome  
A' tantas familias, que mendigam pão !...

---

### Na alcova

Era quasi manhã, quando do baile,  
Que dera o promotor em seu salão,  
Apeou-se do carro que a trouxera,  
A elegante pupilla do barão...

Entrou em casa e soerguendo a cauda  
Do vestido de gaze que a cingia,  
Caminhou para a alcova, onde seu leito,  
Por esse lindo corpo estremezia.

Sobre o marmore da mesa, francamente  
Ardia a lamparina de chrystal,  
Emquanto que por todo o ambiente  
Erguia-se um perfume divinal.

Afeita ainda ás emoções do baile  
Pensativa sentou-se no divan,  
Em frente ao curvo espelho florentino  
Reflector dessa imagem tão louçã.

E assim ficou talvez cinco minutos.  
Fitando um ideal d'ignota côr,  
Figurado no baile em carne e osso  
Em um dandy, um artista ou n'um doutor.

Tirou as luvas, o manto, o braccelite  
E o pequenino leque de marfim,  
Deixando ver um collo de princeza  
E mãos que invejaria um cherubim.

Com um lindo meneio de cabeça  
Capaz de seduzir trinta mortaes,  
Fez cahir os anneis de seus cabellos.  
Ennastrados de flores sem rivaes.

Em seguida, com gestos de indolencia  
Do pé tirou o lindo burzeguim,  
A liga e a meia, e os pés já friorentos.  
Escondeu nas chinellas de setim.

Mas que perna e que pé! tão pequenino  
Que dava para o enfeite de um chapéo,  
E uma perna, meu Deus, se um santo a visse,  
Por certo trocaria todo o céu.

Depois, morta de somno, levantou-se  
Em direitura ao leito então vasio,  
Cujas alvas cortinas entre-abertas  
Já tremiam de amores e de frio.

Deslaçou o collete : a leve saia  
Deslisou pelo corpo e foi ao chão :  
Deixando á mostra assim fôrmas divinas  
Cheias de graça, d'alvura e seducção.

Afinal veio o banho. Aquelle corpo  
Apenas envolvido em tenue véo,  
Ia incauto mostrar á sua alcova  
Os dons occultos que lhe dera o céo.

Correndo, pois, o olhar sobre o aposento,  
Olhar em que o pudor meigo transluz,  
Desprende a camisa. . . oh ! coincidencia  
Nesse instante tambem — morreu á luz.

---

## O perdão

Perdôa, oh ! virgem, se te amei sonhando,  
Se, despertando, mendiguei-te um riso ;  
Perdôa, oh ! virgem se nos meus amores,  
Bem como as flores desmaiei conciso. . .

Perdôa, oh ! Deosa, se nos meus delirios,  
A' luz dos cyrios profanei-te o peijo ;  
Perdôa, oh ! deosa, se n'um louco anceio  
Beijei-te o seio, supliquei-te um beijo !

Perdôa, oh santa, se por ti convulsa,  
No peito pulsa destemida veia ;  
Perdôa, oh ! santa quando mais s'inflamma  
De amor a chamma mais voraz se ateia !

Perdôa, archanjo, se te fui ousado,  
Em ter fallado n'esse amor tão cedo ;  
Perdôa, archanjo — por tuas virgens c'rôas  
Se me perdôas — guardarei segredo !

Perdão, senhora ! — teus olhares sérios  
Só têm mysterio, que me causa damno ;  
Perdão, senhora ! se me vires triste,  
A dor consiste n'um fatal engano.

Deixa, donzella, reparar meu erro,  
N'este desterro derramar meu pranto ;  
Deixa que ao menos em queixosa endeixa,  
Lamente a queixa, que me opprime tanto...

Consente, virgem, que na pyra ardente,  
Eu vá demente me queimar em vida,  
Então na tumba, já depois de morto,  
Terei conforto da tyranna lida !

E lá, sozinho, passarei contente,  
E eternamente esquecerei o mundo ;  
Meu pobre peito de te amar cançado,  
Lá sem cuidado dormirá profundo !...

Eu só te peço que me vás um dia,  
Na lousa fria desfolhar-me um cravo,  
E lá meu anjo, murmurar curvado :  
Morreu coitado, de meu peito escravo !

---

## Mulheres e flores

CICERO PONTES

Aos hymnos da brisa, que vem susurante  
Da noite o sudario n'aurora apartar.  
Dissipam-se as brumas e a luz cambiante  
Na face da terra se vem retratar.

Dourada cortina n'um chão de turquezas  
Além resplandece nos cimos dos montes,  
E a relva mimosa nas lindas devezas  
Se cobre de perolas que saltam das fontes.

Grinaldas de raios s'escapam dos ares,  
De gratos aromas transborda a floresta ;  
E um doce concerto nos verdes palmares  
Ao mundo desperta nos hymnos da festa.

E tudo floresce no mar de folhagem,  
Que brilha, que avulta nas vivas campinas ;  
E o astro dos astros em sua passagem  
De louros esmaltes adorna as collinas.

Nas faxas olentas palpitam as flores,  
E as folhas nevadas desprendem a luz,  
Mostrando nas fórmas, nas graças, nas côres  
Um quadro pomposo que aos olhos seduz.

E aos écos sonoros assim despertados  
Os campos enchendo de terna alegria,  
São virgens dormidas nas longas noitadas  
Que os beijos acordam dos raios do dia.

São nymphas aereas, formosas donzellas,  
Que á noite se velam nos ricos sendaes  
Azues borboletas que gyram singelas  
Aos cantos das aves, aos sons matinaes.

D'orvalho e perfume formaram-se as flores,  
Fez Deus mulheres de luz e poesia ;  
Em umas realçam fragantes vapores  
Resumem as outras — belleza e harmonia.

Na terra as mulheres são astros brilhantes,  
E os sonhos a crença mais pura e sagrada ;  
São lindos poemas, são anjos errantes  
Que a vida perfumam com dedos de fada.

E tudo que brilha, que falla de amores,  
Que graças revela do sol da pureza  
Repete sorrindo ; — Mulheres e flores !  
Excelsa homenagem prestando a belleza.

---

### Flores d'alma

As flores d'alma que se alteiam bellas,  
Puras, singelas, orvalhadas, vivas,  
Têm mais aromas, e são mais formosas  
Que as pobres rosas, n'um jardim captivas.

Sol bemfazejo lhes aquece a rama,  
Limpida chamma, sem ardor que mata;  
Banham-lhe as hastes, retratando as fronteas,  
Limpidas fontes em ramaes de prata.

Que amabilidade! nos vergeis suaves,  
Cantam as aves, sem cessar, amores;  
Se ha céo na terra, se ventura ha nella,  
D'alma singela, se achará nas flores.

Filhas das creanças, como as creanças puras,  
De mil venturas mensageiras bellas,  
Se o vento um dia lhes soprar e as córte,  
Deus! — dá-me a sorte de morrer com ellas.

Ao ermo embora, a divagar sozinho,  
Corra o mesquinho, por amor trahido,  
Quando o remorso lhe não turbe a calma,  
Nas flores d'alma encontrará olvido.

Naufrago lasso a sossobrar nas vagas,  
Sem ver as plagas em que almeja um porto,  
Embora o matem cruciantes dôres,  
D'alma nas flores achará conforto.

O pobre monge, que, de pé descalço,  
D'um mundo falso areaes percorre,  
Quando lhe entregam do martyrio a palma,  
As flores d'alma se incommenda e morre.

## Penso em ti

CANDIDA ISABEL DE PINHO COTRIM

Penso em ti com ardor intenso,  
Tua lembrança só minh'alma encerra ;  
Penso em ti, minha vida és tu,  
Meu doce bem, meu amor na terra.

Penso em ti como pensa afflicta  
A pobre mãe que do filho ausente  
Verte o pranto da saudade amarga,  
Que su'alma opprime, que no peito sente.

Penso em ti como rico avaro  
Pensando vela nos thesouros seus ;  
Bem como elle receio perder-te,  
Temo que roubem-me os carinhos teus.

Penso em ti como misero enfermo  
Em triste leito pela dor prostrado ;  
Pensa ancioso no suave allivio  
Que gozar espera de soffrer cançado.

Penso em ti, como pensa em Deus  
O desditoso que seus males chora ;  
Penso em ti com sublime affecto  
Com fervor constante de quem firme adora.

Penso em ti e esquecer não posso  
Um só momento quem adoro tanto ;  
Penso em ti com paixão ardente  
Com extremos puros do amor mais santo.

## O Taverneiro

Murmura o mundo que o taverneiro  
É ratoneiro por vender—toucinho.  
Seja rançoso, seja bom, por preço  
Que não esqueço—bem puxadinho.

Se vende carne por pataca á libra  
Na corda vibra da pobreza humana,  
Que diz ser caro, sem saber se o gado  
Após cortado, lá no peso engana.

Se vende um queijo por dous mil e cem  
Para um vintem só de lucro haver ;  
Dizem que o pobre taverneiro HONRADO  
É malcriado até no offerecer.

Quando elle julga estar mais descansado  
Já reclinado sobre o seu balcão,  
Lá entra o preto da vizinha e diz :  
« Nhônhó Luiz m'esqueceu sabão. »

Só vende a vista, e jámais fiado  
Café torrado com feijão moido ;  
Tambem lá vende ao melhor freguez,  
Por trinta réis, o seu maduro ardido.

O taverneiro vende arroz, farinhas,  
Tambem sardinhas, capilé e massas ;  
Vende presuntos, marmeladas finas,  
Paios em tinas, salchições e passas.

Quasi que deve se chamar barbeiro  
Ao taverneiro—pois que dá sangrias,  
As d'estes tornam pessoas quentes,  
As d'outro algentes — dizer quero frias.

Feijões que vende : amendoim, cavallo  
Vejam, não fallo no que é mulatinho,  
Pois se desejo dar um beijo, — E' asneira  
Dál-o á torneira d'um barril de vinho.

Esta bebida é a que dá conforto,  
Se é do Porto ! — note bem, do velho  
E' um regalo. Depois da muafa,  
Mesmo a garrafa nos parece espelho.

Por ella vê-se com pensar profundo  
Que todo o mundo p'ra mentir nasceu,  
Dizer o mesmo que o taverneiro  
E' ratoneiro ?... — Elle diz : não eu.

O taverneiro é p'ra mim sujeito  
P'lo qual engeito o melhor bocado,  
Principalmente quando elle diz :  
Se é para a Diniz tudo dê fiado.

Todos bem sabem o que é fiado,  
E' genero dado p'ra pagar depois,  
Com a differença que no ir sommar  
Vem-se a pagar em vez de um bico — dous.

## Perdão

Ousei amar-te muito, quando placido  
Sonhava possuir-te ainda algum dia,  
Manchei nos versos meus, teu nome candido,  
A illusão já passou ; perdão, Maria.

Pequei ! Fugir não pude ao fogo vivo  
De teus olhos formosos, sem rivaes ;  
Perdóá-me, por Deus ! meu rosto pallido  
Bem te diz que soffrer não posso mais.

Fui um louco ! Olvidei a negra tunica  
Da pobreza em que a sorte me envolveu ;  
Esqueci que do mundo as galas fulgidas  
Não era para os pobres como eu.

Tu eras meu fanal ! na vida insipida  
Era minha ambição o teu amor ;  
Os dias de ventura foram rapidos,  
A esperança morreu, morreu em flor.

Fui um louco em sonhar gozos purissimos,  
Fui um louco por que não te evitei ;  
Mas quem pudera ver teu rosto angelico  
Sem deixar-se prender, qual me deixei ?

Agora é tudo findo, é tudo marmore  
N'este peito em que tinhas um altar ;  
Se a natureza não fosse minha cúmplice,  
Eu, de certo fugira de te amar.

Sendo pobre devera ser mais tímido,  
Que amar o pobre ao rico é ousadia ;  
Mas agora meu peito é todo gelido,  
A illusão já se foi ; — perdão, Maria.

## Tudo dança

DR. CAETANO ALVES DE SOUZA FILGUEIRAS.

A dança é arte de reaes engodos  
E n'este mundo é profissão geral,  
Dansam nos ares os planetas todos  
E cá na terra tudo que é mortal.

Dansam com a brisa da floresta os ramos,  
Outras flores taes, dansam lá no mar ;  
E em qualquer rua da cidade vamos  
Ver ursos, ratos, allemães dansar.

Inda no ventre, já os fétos pulam,  
E apenas soltos, piruêtas dão ;  
No baile as moças os pistões açulam  
E á dança os velhos com os rapazes vão.

Os proprios homens de madura idade  
Esses que o nome de sisudos tem  
De vez em quando a choreal deidade  
Pagar tributos de pernadas vem.

Este precisa de dansar com a filha  
Do conselheiro que o lugar lhe deu  
Outro quer ver se a mesma sorte pilha  
E a mãe procura para o lado seu.

Aquí nos mostra um genovez na tampa  
De um realejo, saltitante par ;  
Alli á mesa outro labrego acampa  
Onde a macaca vai tambem bailar.

E a cada esquina, de botins ferrados,  
Ao som de uma harpa esbodegada e atroz ;  
Dansam marmanjos de Milão chegados  
Atraz dos cobres que lhe vem após.

Dansam os cavallos dos leões da moda  
E já se sabe o cidadão inglez,  
Ha sempre dança do que tem na boda  
E p'ra o que chupa no cruel xadrez.

Dansa, portanto, o universo inteiro,  
Tudo o que, e que razão não tem ;  
E agora mesmo com o Herval guerreiro  
Lá anda o Lopez a dansar tambem.

---

## Mysterio de amor

EUGENIO PASSOS

Do amor o gozo vivifica a alma  
Na doce calma que a existencia tem ;  
E tu, donzella, a sorrir primores  
Doces amores me offertares... vem !

E tu, morena, seductora e bella,  
Fada, donzella, do Eden da vida ;  
Porque não vens soluçar ao menos  
Os doces threnos de amorosa lida ? !

Porque não vens?... ó seductor archanjo  
Mimoso anjo de eternaes palores ;  
Se o bardo vive soluçando queixas  
Magoas, endeixas, anhelando amores.

Se és boa e terna cherubim formoso  
Vem pressuroso desterrar-me a dor ;  
Vem entre sonhos qual ridente imagem  
Dar-me coragem p'ra fallar de amor !

Amor ! tão puro, como é pura a virgem  
Que deu origem ao meu triste canto ;  
Que em sonho aéreo eu a vejo ainda  
Envolta, linda n'um celeste manto !

Acaso sabes que o archanjo é ella !  
Que és tu donzella, que me afagas a mente ;  
Que n'alma sinto devorante chamma  
Que o peito inflamma n'um amor adente !

Oh ! tu nem sabes nem sentir quizera  
Ideal chimera que a meu peito dei ;  
Mysterio lento que me arrasta em vida  
Na triste lida que vencer não sei !

Amor ! ai tanto que não é possível  
Nem mesmo crível tua alma o ter ;  
Bem sei, meu Deus ! que esse amor fatal  
E' o fanal que me faz morrer...

Morrer ! que importa se esta vida é sonho  
Triste bisonho que só diz — tortura.  
Se entre as trevas de final morada  
Só brilha a ossada p'ra dizer — ventura.

E tu donzella, gravarás na mente  
Não levemente do cantor o nome :  
E junto á campá desfolhando flores  
Fallarás de amores que se não consomem ?

O pranto d'alma que verter alli,  
Junto de ti me fará gemer ;  
Quebrada lousa que meu peito encerra  
Sobre esta terra me farás erguer ?

E alli, risonhos, ao clarão da lua  
Que além fluctua taciturna e só ;  
Mysterio santo de sublime crença  
Pura e intensa attestaré o pó.

---

## O janota

GUALBERTO PEÇANHA

Ando na moda p'ra agradar as bellas  
Que na janella ao passar eu vejo ;  
Tornar-me dellas — de terreiro um gallo —  
Verdade fallo é o que desejo.

Por isso uso as derradeiras modas,  
Quaesquer ou todas que Paris nos dá ;  
Julgam chalaça o que digo ? — Então  
Muita attenção — vão ouvindo lá :

Calça na moda — á balão chamada,  
Mui bem talhada por franceza mão,  
Alva camisa de cambraia fina,  
Linda botina de fino tacão ;

Chapeu mui fino—de castor, patente,  
Cabello rente—á duque Saxe,  
Collete ornado de botões brilhantes,  
Pois dos tonantes é o luxo, é praxe ;

Gravata chique—de uma cor mimosa,  
Tendo uma rosa por meu alfinete  
Luvax, bengala, mexican bem feito  
Torna perfeito meu gentil toilette ;

Com primoroso pince-nez de gosto  
Se fito o rosto de qualquer menina,  
Ella ao principio quer mostrar-se esquivax  
Depois cativa cahe no laço—é sina ;

O meu bigode com torcidas pontas  
A's moças tontas faz dar mil saltinhos,  
Com os olhos faço um tal pisca-pisca  
—Segura a isca para os taes peixinhos.

E qual a moça ao me ver tão chique  
Presax não fique pelo beixo?—Hein?  
Só desejando qu'eu com tom faceiro  
Diga primeiro ! « — Quer casar meu bem ?

As proprias velhas—sasonados pomos,  
Chupados gomos de um fructo azedo,  
Dizem que anhelam me adorar tambem,  
Eu com desdem, então digo :—« E' cedo !

Permittam ellas qu'este amor rejeite,  
Amas de leite,— não preciso, juro;  
Si bem que tenha rijos dentes—sei,  
Jámais gostei de mastigar pão duro.

Folgada vida, mui alegre passo  
Si bem que escasso seja o cobre.— Ora  
Si ellas me adoram... e com preferencia  
Pela apparencia que só vêm por fóra.

Como deixar de idolatrar as bellas  
Si eu sou d'ellas um fiel debuxo?  
Mesmo esbagado, sim senhor, que quer?  
Pois a mulher o que quer é ver luxo.

---

## Morte d'alma

V. J. BOM SUCCESO JUNIOR

Amei-te oh! virgem no silencio d'alma,  
Colhi a palma d'um mentido amor;  
E essas crenças que libei contigo,  
Eil-as comigo no gemer da dor.

Amei-te oh! virgem e qual flor mimosa  
Que descuidosa com o tufão pendeu:  
Assim minh'alma que aprendeu amores  
Hoje entre dores por ti só morreu.

A linda estrella que adorei na vida  
Nuvem perdida sua luz finou;  
Ai de agonia soletrou tormentos,  
Teus pensamentos no horror lançou.

Mancebo infame, te saudou o encanto,  
Falsario canto te envolveu no pó ;  
Alma de marmore te escondeu o véo  
Surdo é-te o céo, tu mereces dó.

Sorrio-te o mundo lh'escutaste as fallas  
Trajaste as gallas que vestia o crime,  
Somno do inferno te tornou mulher  
Dores requer ; teu soffrer me opprime.

Libaste sofrega o licor da morte  
Que deu-te a sorte na fatal vertigem ;  
Pura buscaste de amor um beijo  
Viste o lampejo de tu'alma virgem.

Tudo acabou-se e teus tristes dias  
Cavam agonias d'uma fé sem luz  
P'ra ti, ai triste !... já não ha perdão  
A redempção só acharás na cruz !

Porque donzella não afogou-te o pranto  
No sentir tanto tua inutil vida ?  
Altar sem culto te maldiz o Eterno  
Ri-se o inferno, és mulher perdida.

---

### Se é crime

Se é crime amar-se de um olhar altivo  
O sempre divo, soberano encanto ;  
Se é crime, ás vezes, do viver na aurora  
Que a luz se adora se dizer n'um canto ;

Se é crime aos santos se queimar incenso  
E preito immenso se render ao bello ;  
De um rosto ao ver-se na celeste alvura  
Da formosura divinal modelo.

Se é crime, e grande, d'uns cabellos pretos,  
Longos, repletos do melhor perfume,  
De alguma noite sem luar formoso  
Ver-se o luctuoso, espantador negrume :

Se é crime do anjo se adorar no riso  
Do paraizo a esplendidez sublime ;  
Se confessar-se que mereces hymnos,  
Poemas d'inos, constitue um crime.

Eis-me a teus olhos como um réo confesso...  
Dá-me te peço, um exemplar castigo !  
Mas em tua vida festival, risonha,  
Ao menos sonha alguma vez comigo

---

## O perdão

Se eu fôra um cuidado, quizera affligir-te,  
Se eu fôra a saudade, quizera ralar-te,  
Se eu fôra um punhal, quizera ferir-te,  
Se eu fôra um veneno, quizera matar-te.

Se eu fôra uma dor, quizera doer-te,  
Se eu fôra o abysmo, quizera sumir-te,  
Se eu fôra uma cobra, quizera morder-te,  
Se eu fôra um vulcão, quizera engolir-te.

Se eu fôra o remorso quizera roer-te,  
Se eu fôra o demonio, quizera tentar-te,  
Se eu fôra um malvado, quizera perder-te,  
Se eu fôra uma féra, quizera tragar-te.

Mas ha! qu'eu não sou punhal, nem veneno,  
Nem cobra, demonio, remorso, cuidado,  
Não sou a saudade, nem féra, nem dor,  
Vulcão eu não sou, abysmo, malvado.

Sou homem que teme de Deus o poder,  
Que a um miseravel tem dó, compaixão,  
Perdôo-te os males que tu me fizeste,  
E tudo perdôo, porque sou christão.

---

## Elmaia

MANOEL DE MACEDO

Tu me chamaste de infiel, Morena,  
Porque, tyranna, me offendeste assim?  
Eu já faltei-te, já te fui perjuro,  
Pois já tens queixas que fazer de mim?

Talvez tu sejas inconstante e varia,  
E por teu genio, tu julgues tal!  
Porém eu juro que te amo e muito...  
E tu, Elmaia, tens-me amor igual?

N'aquelle baile em que dansamos juntos,  
Tu me provaste que eras muito má!  
A' sós deixavas muitas vezes, muitas,  
Quem vida e alma, eterno amor te dá!

E assim provas que tambem me amas ?  
E' dessa fórma que se pôde amar ?  
Não, minha virgem, quem amor tem firme  
Só junto d'elle pôde bem gozar...

Porém, perdóa : são transportes d'alma !  
Estou vencido, já te beijo os pés !  
E se me amas com amor bem puro,  
Deixa esses modos que me são crueis.

---

## A' Cecy

( P O R P E R Y )

A dor profunda que me causaste ingrata  
Só não maltrata a quem não tem amor,  
E os sacrificios que á minha vida debes  
Nem te atreves a avaliar oh ! flor !

Já que tão cedo me fizeste vér,  
Ou mesmo crer na illusão da vida,  
Não queiras mais recordar amores  
Já não ha flores a te offertar querida !

Hoje meu riso já não tem calor,  
E' como a flor pelo sol crestada,  
Jaz sepultada no riacho brando  
Só se lembrando da illusão passada.

Jámais eu quero este viver atroz,  
Que tão feroz, pouco a pouco mata :  
E' o que me destes seductora Ida,  
E' minha vida que roubastê ingrata !

## Festas de dor

V. DE CARVALHO

Tu queres que eu te dê magos encantos,  
Cantos santos d'uma harpa que morreu?  
Negro crépe envolverá minha vida,  
Ida, lida das dores no escarcéo!

Do templo do meu ser na branca neve,  
Ave grave, funerea se aninhou;  
Eu senti da esperança, então fugindo,  
Indo, findo, o souhar que acalentou.

De meus seios morrendo a doce calma,  
Alma á palma correu da solidão;  
De meus brincos da infancia só me resta,  
Esta festa de dor, que os prantos dão.

Arrancado bem cedo de meus lares,  
Ares, mares diffrentes avistei;  
E pisando do mundo o trilho incerto,  
Certo, perto da campa me prostrei.

D'azas negras, funereo, vaticina  
Sina f'rina, o archanjo, aos dias meus;  
De saudades assim, no extremo alento  
Lento vento erguerá minh'alma á Deus!

---

## Julieta

ROMEU

E' noite... e eu velo!... a relembrar as scenas,  
Horas amenas que gozei no lar...!  
E' tarde!... e est'alma d'outro amor estreme...  
Desvaira... geme... em afflicção sem par!...

E' tarde... e a brisa nos vergeis a medo...  
Meigo segredo ciciando ás flores,  
Vem suspirosa bafejar-me o pranto...  
Balsamo santo no pungir das dores !

E o bronze ao longe em seus ais sentidos  
Doze gemidos faz ouvir além...  
E a lua passa... orgulhosa... ufana...  
Gentil sultana no siderio harem !...

Ai ! como é triste o caminhar descrente  
Sem ter na mente esp'rança ao menos !...  
Rosa fanada na aridez da calma  
Sorve esta alma infernaes venenos !...

E tu... nos braços de um rival que odeio,  
No doce enleio de febris amores...  
Ah ! nem te lembras do infeliz que geme...  
Batel sem leme a sossobrar nas dores !...

---

## Estatua da vida

BETHENCOURT DA SILVA

Estatua inerte, insensível, calma,  
Mimoso corpo, não conhece a vida,  
Palida estrella que brilhar não sabes  
Perola santa, para os céos perdida.

Jardim sem flores, sem perfume, secco,  
Lodosa argilla, desprezível pó,  
Orgulho inutil, sentimento moto,  
Gelado peito, não conserva dó.

Formosa e linda, alabastrina Venus  
E' muda e fria, e nem riso tem,  
Alma de marmore, sem fé, sacrilega,  
Aos céos prendel-a nem um sonho vem.

Altar sem culto, sem amor, sem idolos,  
Religião sem crentes, muda já está,  
Sacratio augusto, esperança morta  
Nem um suspiro o coração lhe dá.

Vaso esculpido de valor sublime  
Que doce orvalho não colheu do céu,  
Bello horizonte, mas sem luz, sem brilho  
Sendo escondido por funereo véo.

Adormecido, sepulchral archanjo  
Celeste aroma—nem a Deus orou,  
Apenas folhas—desbotada rosa,  
Sem ter amor seu coração ficou.

---

## Rosas brancas

L. FELIX

Rosas da vida que cedeis perfume.  
Aos olhos—lume, á paixão—amores,  
Ao peito—crenças,—ás manhãs o brilho,  
Ao moço o trilho de eternaes fulgores.

Estrella d'alma no luzir constante,  
Jamais distante do solar florido,  
Astro sem mancha que a sorrir percorre  
Céu que não morre no existir querido.

Quero-vos linda na modestia santa  
Que tanto encanta o coração poeta !  
Quero-vos simples nos jardins, nas salas,  
Nos risos, fallas, na paixão discreta.

Quero-vos anjo de alvacenta penna,  
Deusa terrena da virtutte emblema !  
Quero-vos meiga, jovial, sincera,  
Qual primavera que a velhice extrema !

Assim vos quero e na esperança vivo,  
Livre — cativo, na descrença — crendo ;  
Festivo e triste, leviano e serio,  
Sob o mysterio que vos fui dizendo !

Demais já disse !... Fui além, confesso !...  
Perdão vos peço ! Sois bondosa eu sei !  
Ha n'isso crime ? Não cedeis desculpa ?  
Foi vossa a culpa, só por vós pequei.

---

## O sonho

RICARDO FRANCISCO DE ALMEIDA

Eu tive um sonho em que vi — senti,  
Lucinda, linda, para mim sorrir ;  
E os labios bellos entr'abrindo — rindo  
Ditoso gozo demonstrar fruir.

Era seu rosto de encantos, tantos,  
Serenos, amenos, de morena cor ;  
Pedi-lhe um beijo, e n'um engano lhano,  
Delirei, manchei seu juvenil pudor.

Ella anciosa n'esse enredo ledo  
Furtivo esquivo um olhar lançou-me ;  
Julguei estar n'esse instante, ante  
Estrella bella que o céu fadou-me.

Foi d'esses sonhos que a mente sente...  
Dourado fado ao perpassar da vida...  
Sonho que indica mil venturas puras,  
Estreito peito de existencia fida.

Engano d'alma que existe triste,  
Soffrendo, crendo em ideaes primores...  
Illusão ficticia que n'um momento lento,  
Contente sente quem sonhar amores.

Mas despertando do risonho sonho,  
Lucinda, linda, jámais pude achar!  
Não pude vel-a, mas... embora... agora  
Desperte certo de que a devo amar.

---

## Peregrina imagem

OCTAVIANO HUDSON

Porque me foges peregrina imagem ?  
Porque torturas a minh'alma afflicta ?  
Não vês que choro de soffrer teu odio  
Que mais ardente meu amor incita ? !

Porque desvias esses olhos languidos  
Dos meus que anceiam se rever nos teus ?  
Porque emmu'eces quando fallo e peço  
Perdão, desculpa dos delirios meus ? !

Porque constante teu olhar furtivo,  
Sorprendo, ás vezes, a fixar-se além ?  
Porque inclinas pensadora a fronte ?  
Porque suspiras, sem amar ninguem ?!

Porque recusas ao piano oh ! Diva,  
Que volte as folhas do Nocturno Canto,  
Dizendo altiva—«Não lhe dé cuidado,  
Não se incommode ; não mereço tanto ?!»

Ou se insisto no almejado intento,  
Mordendo os labios, a corar-te o rosto,  
Porque murmuras ao voltar-me as costas :  
— « Sinto viesse a me massar disposto ?!»

Depois... deitando-me um olhar daquelles  
Que enleiam, matam um feliz mortal.  
Sorrindo dizes m'estendendo a mão :  
— « Não se amofine que não fiz por mal ? »

Se persistires n'essa fôrma excêntrica  
De torturares a minh'alma ardente,  
Hei de humilhar-te, revelando a todos  
Que o teu orgulho meu amor consente !

---

## Miragem

GREGORIO DE ALMEIDA

Quando tu fallas, tua voz é o éco  
Da voz de um anjo que no céu murmura ;  
Quando me olhas—teu olhar é o mundo,  
Que eu sonhei todo amor, todo ternura.

Quando oras no templo,—os olhos baixos,  
As mãos cruzadas, o sorrir nos labios—  
Tu te assemelhas, anjo, ás creaturas  
Cheias de fé, de amor, dos livros sabios...

Tu és tão santa, tão mimosa e pura  
Que me parece, vendo-te tão calma,  
Ser teu corpo uma sombra, ou seres fada  
Quando pisas, parece que os aromas  
Do nardo e do jasmin surgem do chão ;  
Quando te ris, o céo abre-se ardente  
Todo luz, todo amor, todo illusão !  
Quando passas, o farfalhar das sedas  
Faz palpitar os corações com ancia ;  
Ha no teu rosto, no teu corpo todo  
Harmonia, perfume, luz e alma !  
Ha n'alvura da tez um qué das nuvens,  
Raios do sol nas tuas louras tranças ;  
Ou és um mixto de neblina e rosas,  
Ou um anjo mimoso de esperanças !  
Maldito aquelle que teu olhar pensando  
Tirar-te da innocencia o branco véo,  
Para te amar, sómente de joelhos...  
Que tu não és da terra nem do céo !  
Um qué das brancas flores e da infancia !

---

### O quebra-kilo

Sou quebra-kilo : encolletado em couro,  
Por vil desdouro, se me trouxe aqui :  
A bofetada minha face mancha :  
A corda e a «prancha» me affligir senti.

Nas cans, modestas, a thesoura cega !  
Da minha encherga só me resta o pó :  
De esposa e filhas violentam rudes,  
As sans virtudes— seu thesouro — só.

Não ha direitos: isenções fugiram ;  
Nas leis cuspiram desleaes vilões :  
Crianças, velhos, alejados, aguarda  
A triste farda de crueis baldões.

Em vão, descalços, minha esposa e filhos,  
Do sol os brilhos, pranteando vem :  
Socorro imploram : piedades á tantos. . .  
Mas de seus prantos se recreia « alguém » !

E ao quebra-kilo, deshonorado e louco,  
E' tudo pouco, quanto a infamia faz :  
Se alli contempla da familia o roubo,  
Aqui, no dobro, se o flagella mais.

Vê sua esposa, da desgraça ao cimo,  
Por seu arrimo, tudo pol-a em vão :  
Recorda as filhas que sem mãe ficaram,  
E lhe as roubaram. . . que perdidas são.

Tyrannos, vêde que miseria tanta !  
Nem aquebranta meu pungir, meus ais :  
Martyrio, ultrajes de negror, fazei-me ;  
Porém dizei-me, se tambem sois pais !

A bofetada minha face mancha :  
A corda e a « prancha » me doer senti :  
A vil deshonra da familia querida  
Tirou-me a vida : de pudor morri !

# LUNDÚS

---

## O recrutamento

Tudo anda em balburdia  
Cá no Rio de Janeiro,  
S. Francisco já não dobra,  
Por ter falta de sineiro.

Oh ! que tempo endiabrado,  
Que nos traz atrapalhado !

O rapaz mesmo decente,  
Deve andar com muito cuidado,  
Pois d'un instante para outro,  
E' sem demora agarrado !

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Já não ha mais loterias  
(Vigesimos quero dizer!)  
Até os cartões de bond...  
Se mandaram recolher !

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Os capoeiras não dansam,  
Em frente das procissões,  
Pois temem serem levados  
De urbanos a cachações.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Os pobres pretos do ganho  
São presos sem mais detença,  
Si por acaso não trazem,  
No pescoço a licença.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

As beatas já não sahem,  
A' rua p'ra pedir,  
Temendo ir p'ra o asylo,  
E de lá nunca sahir !

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Urbanos por toda a parte,  
Policias andam á toa :  
Até chegam a filar  
Os padrecos de corôa.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Nos pobres capoeiras  
Tem feito seus farneis,  
Enchendo-se as estações,  
Como as pulgas os quarteis ?

Oh ! que tempo endiabrado etc.

Ninguem se livra por-certo,  
Quer seja casado ou não,  
De logo ser remettido,  
Para o Campo da Acclamação.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Não sei como explicar  
A causa deste angú !  
Será para irmos á China,  
Ao Paraguay ou Perú.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

Mas quem isso fará,  
Quem será este *tutú* ?  
Por certo que não o sabe  
O autor deste lundú.

Oh ! que tempo endiabrado, etc.

---

### O tango-no-mango

Eu casei-me com uma velha  
Para livrar da filharada  
Deu o tango-no-mango n'ella  
Teve dez de uma ninhada.

Estes dez, meu bemzinho, que ella teve  
Foram ver jogar o nove,  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficaram senão nove.

D'estes nove, meu bemzinho, que ficaram  
Mandei-os fabricar biscoito,  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficaram senão oito.

Destes oito, meu bemzinho, que ficaram  
Foram jogar os tres sete,  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficaram senão sete.

D'estes sete, meu bemzinho, que ficaram  
Foram ver cantar os reis,  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficaram senão seis.

Destes seis, meu bemzinho, que ficaram  
Mandei-os forrar de zinco,  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficaram senão cinco.

Estes cinco, meu bemzinho, que ficaram  
Foram todos caçar no mato,  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficaram senão quatro.

D'estes quatro, meu bemzinho, que ficaram  
Fizeram todos um entremez  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficaram senão tres.

D'estes tres, meu bemzinho, que ficaram  
Foram ver matar os bois,  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficaram senão dous.

D'estes dous, meu bemzinho, que ficaram  
Foram comprar um anum,  
Deu o tango-no-mango n'elles  
Não ficou senão um.

Esse um, meu bemzinho, que ficou  
Metteu-se em grande alhada,  
Deu o tango-no-mango n'elle  
Acabou-se a filharada.

---

### **A velha que quer casar**

Sinto dores de cabeça  
E a barriga a me roncar,  
Vendo cuidar em namoro  
A velha que quer casar!

A bunda chocha, escorrida,  
Quer com pannos augmentar ;  
Tem pernas de gato secco  
A velha que quer casar.

Cincoenta annos bem puxados  
No officio de namorar,  
Conta sem achar marido,  
A velha que quer casar.

Sabe cantar bem modinhas  
E quadras improvisar,  
Tambem diz suas chalaças  
A velha que quer casar.

Vai á praia tomar banhos,  
Com aréa se esfregar,  
Toma ajudas de pimenta  
A velha que quer casar.

Ha de ficar tão foguete,  
Que hão de custal-a aturar,  
Quando vestir-se de noiva  
A velha que quer casar.

Se ha nesta vida pratinhos  
Que se deve apreciar.  
E' ver como se arribica  
A velha que quer casar.

N'uma funcção de Sant'Anna  
Muito já deu que fallar,  
Fazendo cousas de estrondo  
A velha que quer casar.

N'essa noite aos convidados  
Bombas e traques vi dar,  
De muito fogo que tinha  
A velha que quer casar.

No mesmo aperto em que estava  
Depois... em certo lugar  
Eu vi, fazendo caretas  
A velha que quer casar.

Emquanto a gente tem vida,  
A vida deve gozar,  
Por isso eu cá não censuro  
A velha que quer casar.

---

## A feijoada

MUSICA DE J. S. ARVELLOS

Oh! que feijoada  
Tão engordurada  
Tão cheia de bredes  
Que me atola os dedos,  
De limões azedos  
Pimentões ardentes  
Oh! que bello vinho,  
Que gordo toucinho,  
Que na mesa bolle,  
Para ficar molle  
Só nos falte um golle  
Da bella aguardente.

Tudo é feijoada  
Feita por amor  
Para encher a pança  
De um trovador.

Que negro tismado,  
Que corre apressado,  
Aqui, no Brazil ;  
Que pretas gentis  
Bonitas e feias  
Vestidas de tangas,  
Vendendo pitangas  
Laranjas e mangas  
No campo da feira,  
Tudo é bebedeira  
Tudo é bandalheira,  
Que nos causam zangas.

Estas são as notas  
Que nos diz amor,  
Para encher a pança  
De um trovador.

Quanta moça tola,  
Que come cebola  
Da Inglaterra,  
Com medo da guerra  
De Napoleão  
Que ha n'esta terra.  
Que porcos mimosos  
Carneiros cheirosos  
Cabras berradeiras  
Gallinhas poadeiras  
Nas segundas-feiras  
Vão p'ra correcção.

Estas são as notas  
Que nos diz amor,  
Para encher a pança  
De um trovador.

Quanta moça feia  
De meiguice cheia,  
Nas suas janellas,  
Mas quantas mazellas,  
Quantas erysipelas,  
Encobre o balão.  
Quantos impostores  
Da rapaziada  
Formados doutores  
Andam ás embigadas  
Andam ás cabeçadas  
Sò a cachação.

Tudo é feijoada  
Feita por amor,  
Para encher a pança  
De um trovador.

---

### **A pombinha de yáyá**

Eu vou contar uma história  
Que se passou no Pará,  
Fugio de sua gaiola  
A pombinha de yáyá.

A côr da bonita rôla  
E' igual ao tafetá  
Tambem tem bico vermelho,  
A pombinha de yáyá.

Seria grande festança,  
Se ella viesse para cá.  
Os mocinhos beijariam  
A pombinha de yáyá.

Mas a dona d'esta ave  
Em vez de boa, é tão má!  
Pois trazia sempre occulta  
A pombinha de yáyá.

Se n'ella se ia pegar  
Dizia logo arre-lá  
Não consinto que se pegue  
Na pombinha de yáyá.

Um dia que descuidada  
Vi a galante sinhá  
Botei a mão e peguei,  
Na pombinha de yáyá.

Ficou zangada e gritou  
Passa, que isso não se dá  
Quem consentio que pegasse  
Na pombinha de yáyá.

Grandissimo marôto  
Vá-se embora, já e já,  
Nunca mais há de bispar  
A pombinha de yáyá.

*Estrilho*

Fallo da róla  
Oh! sinhásinhas,  
Então porque  
Ficais coradinhas?

---

**Borboleta**

Meninas ha que me chamam  
Borboleta e beija-flor,  
Porque dizem qu'eu a todas  
Faço protestos de amor.

Como se engana  
Em tal pensar  
Jonã que diga  
Se eu sei amar.

Porque olho com ternura  
As vezes p'ra uma bella,  
Me julgam sem mais nem menos  
Apaixonado por ella.

Como se engana, etc.

Dizem que as moças todas  
Meus mimos e graças tem  
Decidiram em seu jury  
Que eu não adoro a ninguém.

Como se enganam, etc.

Passa por certo entre ellas  
Que á minha mente—paixão,  
Desfaz-se toda na lingua  
Sem chegar ao coração.

Como se enganam, etc.

---

## Fado brasileiro

CATHERETÉ DA PARODIA—ORPHÉO NA ROÇA

Poesia de Francisco Corrêa Vasques

Eu sou homem muito serio  
Estas cousas não atico,  
Mas ouvindo o violão  
Caio logo no serviço.

*Córo*

Quebra, quebra bem quebrado,  
O fadinho brasileiro,  
N'uma roda deste fado  
Tudo fica prisioneiro.

Oh ! yes mim tambem  
Quer fazer sua papel,  
Quando mim dance esta cose  
Thak you estar Very well !

Quebra, quebra bem quebrado, etc.

Quebra, quebra minha gente,  
Já não sou Juiz de Paz !  
Quando caio no fadinho  
Sou um homem como os mais !

Quebra, quebra bem quebrado, etc.

Tomara achar quem me diga  
Quem é que pôde aguentar  
A mocinha brasileira,  
No fadinho a requebrar.

Quebra, quebra bem quebrado, etc.

---

**Que d'ellas as chaves**

VASQUES

Que é d'ellas as chaves  
Que eu te dei para guardar ?  
Està no fundo do bahú,  
Quém quizer vá lá buscar.

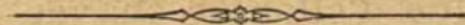
Que é d'elle, o typo  
Que te dei para compôr?  
Está na caixa do *Jornal*  
Lá na rua do Ouvidor.

Que é d'elle, o Juca  
Irmão da Cândinha?  
Foi parar na correccão,  
Por jogar a vermelhinha.

Que é d'elle, o lenço  
Que eu te dei para assoar?  
Já mandei p'ra a lavadeira,  
Para logo se lavar.

Que é d'elle, o nickel  
Que tinha posto aqui?  
O moleque me roubou,  
P'ra beber de paraty.

Que é d'elle, o anel  
Que eu hontem te emprestei?  
Eu estava esbodegado,  
Lá na venda o empenhei.



VOLUME 2.º

---

## AO PUBLICO

---

O favoravel acolhimento que encontramos da parte do respeitavel publico, na publicação do 1.º volume da LYRA DO TROVADOR, nos animou a editar o 2.º, esmerando-se o editor tanto na escolha das modinhas, lundús, recitativos, como na correccão e nitidez do trabalho typographico e espera que o publico continue a dispensar-lhe sua protecção.

Brevemente publicaremos o 3.º volume.

O EDITOR.



## MODINHAS

---

**Oh! sorte minha cruel!**

Oh! sorte minha cruel,  
Vem meus dias te minar,  
Já que Jônia, por quem morro,  
Não me quer feliz tornar.

Só o desejo  
De a gozar  
Mantem-me a vida  
Sempre a penar.

Um momento de prazer  
Bem merece o traidor,  
Que só tem por ti soffrido  
Tantos tormentos e dôr.

Só o desejo,  
De a gozar  
Mantem-me a vida  
Sempre a penar.

Céos! oh céos! por piedade  
Arrancai meu coração,  
Que sumio-se a minha estrella  
Nas nuvens da ingratição.

Só o desejo  
De a gozar  
Mantem-me a vida  
Sempre a penar.

## Frio manto

MODINHA BAHIANA

Frio manto de estrellas bordado  
Vai a noite arrastando nos céos  
Cae orvalho nas azas da briza  
Qu'em gelado entre as flores morreu  
Na mansão dos finados divaga  
Triste bardo com a lyra na mão!  
Acha a campa que busca e sentado  
Desferio esta triste canção.

Tantos raios de luz ha no céu  
E nenhum d'e-perança eu achei!  
Os cyprestes e os goivos da campa  
E os restos d'um bein que adorei!  
Entretanto aqui venho de balde  
Alta noite seu nome invocar  
Chamarão isso loucura na terra  
E, eu chamo constante adorar !...

Uns tem pranto chorado nos olhos  
Dentro d'alma chorado é o meu  
E ninguem póde vir enxugal-o  
Pois quem sabe só delle sou eu !...  
Lá se foi a visão que era nuvem  
Só não vai este meu padecer  
Justo céu se meu mal não abrandas  
Veze mil eu prefiro—morrer.

Em roupagem de neve abafado  
Desce um anjo da etherea mansão  
Se foi ella — foi Deus quem a mandou  
Me tirar desta negra afflicção:  
Quando o sol da manhã descortina  
Triste scena que faz compungir  
Um cadaver com a lyra na mão  
Era o bardo para sempre a dormir.

## Lembranças de nosso amor

Qual quebra as vagas do mar,  
Carcomindo as duras fragas,  
Assim da saudade as magoas,  
O meu peito vem quebrar ;  
O meu destino é pensar,  
Ingrata, no teu rigor...

Vê que contraste, que horror :  
Tu na minh'alma gravaste,  
De tua mente apagaste  
Lembranças de nosso amor !

Se o sol desponta, eu lamento ;  
Se o sol se despede eu choro ;  
Se a brisa passa eu imploro  
Compaixão p'ra meu tormento,  
Como não gozo um momento  
Do somno o doce favor,  
Alta noite com fervor  
Em ti minha alma s'inspira,  
Canto ao som da minha lyra,  
Lembranças de nosso amor.

Mulher, é lei do meu fado,  
E' o destino em que vivo,  
Depois de ficar captivo  
D'um gesto, d'um teu agrado ;  
Sinto meu peito vergado  
Ao peso do dissabor ;  
Vai-me fugindo o calor....  
Ai que me matam, querida,  
Saudades da nossa vida  
Lembranças do nosso amor.

O anjo da morte pousa  
Na minha frente já fria,  
Vai passeiar algum dia  
Onde meu corpo repousa ;  
Da sepultura na lousa  
Que ha de abafar minha dor,  
Por piedade e favor  
Planta um goivo, uma saudade,  
Signal da nossa amizade,  
Lembranças de nosso amor.

---

### De ti fiquei tão escravo

De ti fiquei tão escravo  
Depois que teus olhos vi,  
Que vivo só para teus olhos  
Não posso viver sem ti.  
Contemplando teu semblante  
Sinto a vida m'escapar,  
N'um teu olhar perco a vida,  
Ressuscito n'outro olhar.

Mas é tão doce,  
Viver assim,  
Lilia não deixes  
De olhar para mim.

N'um raio de teus olhares  
Minh'alma inteira preendi,  
Se tens minh'alma em teus olhos  
Não posso viver sem ti.  
A qualquer parte que os volva  
Minh'alma sinto voar,  
Inda que livre nas azas  
Presa só em teu olhar.

Mas é tão doce, etc.

Que era meu fado ser teu  
Ao ver-te reconheci,  
Não se muda a lei do fado,  
Não posso viver sem ti.  
Por não ser ainda completa  
Minha doce escravidão,  
Se me ferem teus olhares,  
Choro sobre o meu grilhão.

Mas é tão doce, etc.

---

### **Meus gemidos solto em vão**

Meus gemidos solto em vão  
Meus olhos são duas fontes  
Os meus ais rompem os ares  
Mas respondem só os montes.

Minha Analia já não vive  
Ai ! que dor ai ! que tormento,  
Vem oh ! morte finalisa  
Minha vida n'um momento.

Desde que os ternos afagos  
De Analia roubou-me a impia,  
Meus dias foram votados  
A' cruel melancolia.

Minha Analia já não vive, etc.

De seu trato os sãoz prazeres.  
Em vão minh'alma procura,  
Só um tumulto me responde  
Aqui jaz tua ventura.

Minha Analia já não vive, etc.

## Depois que te dei minh'alma

Depois que te dei minh'alma  
Só vivo uma hora no dia.  
Mas hoje nem gozar posso  
De um momento de alegria.

Só oh ! Lilia nos teus braços,  
Do mundo todo esquecido,  
Poderei gozar uma hora  
D'ausencia, o tempo perdido.

---

## Não te esqueças Marília de mim

Chega a hora da minha partida  
Adeus anjo, adeus cherubim ;  
Em minh'alma tu vais retratada  
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando a lua  
Clarear no celeste jardim ;  
Quando as trevas da noite offuscarem  
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando a rosa  
Desbrochada, murchar no jardim ;  
Quando a rôla no bosque cantar  
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando vires  
A açucena e o bello jasmim ;  
Quando o triste cypreste encontrares  
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando a aurora  
Vem tingir-se de branco e carmim ;  
Quando o sol expirar no occaso  
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim quando ao longe  
Escutares lamentos sem fim ;  
Quando á lyra algum triste chorar  
Não te esqueças Marília de mim.

Não te esqueças de mim que te adoro  
Que padeço tormentos sem fim ;  
Já que a sorte nos quer separar  
Não te esqueças Marília de mim.

---

### **Aceita oh! Lucinda**

Aceita oh ! Lucinda,  
Rosa tão linda,  
Que orvalha-se ainda  
De meigo frescor.

Ella é primorosa,  
Fragrante, cheirosa,  
Nascida, mimosa,  
No valle de amor.

Tem terna lindeza,  
Tem doce belleza,  
Do valle é princeza,  
Rainha das flores.

Toda ella é perfume,  
Não nutre ciume,  
Pois tudo presume  
Ter deosa de amores.

No valle, vistoso,  
Mui lindo e formoso,  
Surgio gracioso  
Da rosa o botão ;  
Depois foi abrindo,  
Perfume espargindo,  
Mas sempre sorrindo  
Com doce affeição.

Não vês, oh ! donzella,  
Sorrindo-se—Ella,  
Tão pura e tão bella  
No seu desabrir ?  
Tu és mais formosa,  
Teus labios, mimosa,  
Só sabem á rosa.  
De amor—sorrir.

Tu és muito linda,  
Formosa Lucinda,  
Qual rosa que ainda  
Desabre o botão ;  
E's casta e formosa,  
Qual flor amorosa  
Que vive saudosa  
Na casta isenção

Aceita oh ! lindinha  
A linda rosinha,  
Gentil, galantinha,  
Do seio das flores ;  
Ella é primorosa,  
Fragrante, cheirosa,  
Nascida, mimosa  
No valle de amores.

## Sonhos fagueiros

Quando dormires, sonha comigo,  
Sonhos fagueiros, sonhos d' amor ;  
Se assim sonhares comigo, oh ! virgem  
Sonharei contigo, oh ! linda flor !

Sonha comigo, sonhos de amor,  
Que eu sonharei, contigo, oh ! flor.

Lembra-te, oh ! virgem, de quem te adora  
Na dura ausencia do teu amor :  
Sonha comigo, pois se sonhares  
Sonharei contigo oh ! linda flor !

Sonha comigo, etc.

Quando sozinha tu meditares,  
Nas doces provas do nosso amor ;  
Sonha comigo, pois se sonhares  
Sonharei contigo, oh ! linda flor !

Sonha comigo, etc.

Um olhar terno, um riso meigo,  
Em paga dá-me de tanto amor ;  
Que eu rendido p'los teus carinhos  
Sonharei contigo, oh ! linda flor.

Sonha comigo, etc.

---

## Amor me vio não fez caso

Amor me vio não fez caso,  
Zombou a cruel fementida,  
Tendo um rival a seu lado  
Ingrata roubou-me a vida.

Por Deus que a vida é um sonho  
Quando ella nos sabe amar ;  
Mulher que tanto adorei  
Hoje me quer desprezar.

Mulher por Deus eu te juro  
Que ainda te tenho amor ;  
Se tu me fores constante  
Eu serei teu trovador.

Por Deus que a vida é um sonho, etc.

Mulher por Deus eu te peço  
Que nunca me dês um rival  
Tu és um anjo da terra  
E's um anjo divinal.

Por Deus que a vida é um sonho, etc.

---

### **Eu quizera ser eterno**

Eu quizera ser eterno  
Para teu amante ser,  
Como eterno ser não posso  
Hei de amar até morrer.

Menina, se eu não te amo  
Um passo não chegue a dar ;  
A propria terra era que piso  
Póde mesmo me faltar.

Ah ! meu bem, se eu te não amo,  
O Deus do céu não me escute ;  
Nem o sol me allumie,  
Nem a terra me sepulte.

Ainda depois de morto,  
Debaixo de frio chão,  
Acharás teu nome escripto  
No meu terno coração.

## O sonho

Sonhei que leda viestes  
Junto á meu leito cantar,  
Um canto que me dizia :  
Bardo não sabes amar.

Era sonho, era sonho,  
Era sonho enganador,  
Quizera viver sonhando  
Só contigo, anjo — d'amor.

Quiz provar-te com um beijo  
Que sabia o que era amor,  
Fugiste toda enfadada  
Tingio-te a face o rubor.

Era sonho, era sonho,  
Era sonho enganador.  
Quizera viver sonhando  
Só contigo anjo — d'amor.

Mas ah ! sorrindo voltastes  
Davas-me a face, acordei ;  
Sorri-me do meu desejo,  
Era mentira, sonhei.

Era sonho, era sonho,  
Era sonho enganador,  
Quizera viver sonhando  
Só contigo, anjo — d'amor.

## Supplica

( MODINHA BAHIANA )

Desde que vi-te, formosa,  
Mais seductora que a huri,  
N'um dos raios de teus olhos  
Minha existencia preendi.

Tu me dás quando te vejo,  
Oh ! pura visão de amor,  
Em cada olhar — uma aurora,  
Em cada riso — uma flor.

Embora a sorte me faça  
Da dôr o calix sorver,  
Adorar-te — é meu consolo  
Minha alegria — te ver.

Tens duas azas  
Meu cherubim,  
Desata o vôo,  
Vem para mim.

Abre á minha alma  
O seio teu :  
Tu és Marilia,  
Eu sou Dirceu.

---

# RECITATIVOS

---

## Um teu doce agrado

(D. CANDIDA ISABEL DE FINHO COTRIM)

Eu amo as flores em manhã serena  
Frescas, viçosas, perfumando o prado,  
Porém adoro, amo mais ainda  
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo os cantos maviosos, puros,  
Gorgeios brandos de mimoso alado,  
Mas... ah! que amo, mais prazer me dá  
Um teu sorriso, um teu doce agrado!

Eu amo ver em deserta praia  
O mar sereno qual leão domado,  
Porém mais amo, mais prazer me dá  
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo as meigas e ternas caricias  
Da mãe querida ao filhinho amado,  
Mas, mais eu amo um carinho teu  
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo ouvir acordes santos  
D'orgão divino em templo sagrado,  
Mas amo... adoro com fervor maior  
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

Eu amo os brincos d'infantil menino  
Que folga isento do menor cuidado,  
Porém amo muito mais que tudo  
Um teu sorriso, um teu doce agrado.

## Minhas crenças

( V. DE CARVALHO )

São minhas crenças sepulchraes delirios,  
Lyrios fanados pelo pó da estrada,  
Rosas mirradas ao romper da aurora,  
Ora dispersas por atroz nortada.

São da pureza, no acordar da infancia,  
Ancia de virgem... esvaído sonho,  
Do templo annoso na fendida nave  
Ave da noite— de piar medonho.

São—alta noite—dos tufões quebrado  
Brado de morte em convulsivo aneio ;  
Ai, pobre esp'rança de cruel saudade,  
Ha de o sepulchro congelar-te o seio.

São seccas folhas de queimado arbusto,  
Busto de archanjo do Eden tombado ;  
São das tormentas ao bramir horrendas  
Rendas de espuma sobre o mar irado.

Qual do Sahara caminheiro errante  
Ante as montanhas de areiaes erguidas,  
Exhausto imploro da existencia o termo,  
Ermo de tantas illusões perdidas.

Se attento ao longe do passado o extremo,  
Tremo de abysmo que engolfou-me os annos !  
Busco a ventura, do sonhar desperto,  
Perto do termo de lethaes enganos.

Mas... se de virgem seductora e linda  
Inda escutasse n'um sorrir meus cantos;  
Se ainda visse sobre as brancas vestes  
Estes meus versos se orvalhando em prantos;

Ai, se dos olhos, qual ardente estrella,  
Ella quizesse me outorgar fulgores,  
Crenças bebia nos gentis sorriso?,  
Risos hebera desse céo de amores !

---

## A' minha estrella

(CORDEIRO JUNIOR)

Se acaso a brisa que perpassa alegre  
Pedir-te um riso suspirando então,  
Tu que dos anjos recebeste a graça  
Serias impia lhe dizendo não ?

Se a rubra rosa que entrelaça encantos  
Em teus cabellos almejasse abrigo,  
Terias força p'ra roubar-lhe a vida,  
E dar-lhe a morte com poder imigo ?

Se argentea lua retratando as fôrmas  
Nas brandas aguas de um formoso lago,  
Viesse á terra te offertar caricias,  
Tu lhe negáras o teu rosto mago ?

Se em longas horas de soidão, tu'alma  
Ao céo guiasse teu sonhar de flores,  
Tu buscarias despertar de um gozo  
Todo delicias, recordando amores ?

E se algum dia, de ufania cheio,  
Joven amante t'implorasse a mão,  
E n'ella um beijo pretendesse dar,  
O que farias? lhe dirias não?

Serei a brisa, a purpurina rosa,  
Lua argentina a te pedir fulgor,  
E, como um anjo, tu serás na terra  
Enlevo ameno de um viver de amor.

---

## Não sei mas sei

(FELICIANO LEITÃO)

Não sei dizer-te quanto tenho n'alma,  
Nem sei contar-te quanto soffro e sinto;  
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,  
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

Não sei fallar-te n'um fallar de amores,  
Nem sei expor-te o anhelar do peito;  
Mas sei mostrar-te meus laureis de gloria,  
Sei que aos teus rogos viverei sujeito.

Não sei se a sorte mudará meu fado,  
Nem sei se a vida me será risonha;  
Mas sei que embora do porvir descreia  
Minh'alma é linda se contigo sonha.

Não sei se a brisa me trará perfumes,  
Nem sei se a lua de meu céu não dista;  
Mas sei que a aurora para mim desponta  
Quando minh'alma teu semblante avista.

Não sei se ha flores no existir de infantes,  
Nem sei se ha fructas na estação de amores !  
Mas sei que existem sobre um chão d'espinhos  
Meus cinco lustros de continuas dores.

Não sei se ha risos quando um peito soffre,  
Nem sei se ha prantos quando amor se goza ;  
Mas sei que ás vezes, de prazer vestido,  
Meu peito o luto sem querer desposa.

Não sei dizer-te o que tenho n'alma,  
Nem sei contar-te, quanto soffro e sinto ;  
Mas sei que vivo, que te prézo e muito,  
Sei que em meus sonhos teu amor presinto.

---

### A joven morena

( GETULIO DE MENDONÇA )

Morena eu amo-te com fatal loucura  
Na vida impura, que me dá prazer ;  
Morena eu amo-te, meigamente fallo,  
Suspiro exhalo n'um cruel soffrer.

Amor é fogo que s'ateia n'alma  
Na pura calma d'um ditoso sonho ;  
Amor é vida que se esvai ligeira,  
Aura fagueira de um porvir risonho.

Vi-te n'um baile, n'um salão dourado  
E fui, curvado, te adorar, meu anjo !  
Estavas bella, tão gentil serena,  
Eras morena, meu celeste archanjo.

Depois que vi-te, n'um valsar ardente  
Busquei demente protestar-te a.nores,  
E quando um dia te pedi carinhos  
Ai ! tive espinhos de cruentas dores !

Fitei meus olhos no teu-rostto virgem,  
Senti vertigem perpassar por mim ;  
Porém não pude desviar-me louco  
Ai ! pouco a pouco, fugiste emfim.

Amei-te muito com fatal delirio  
Que o meu martyrio, abandonaste emfim,  
Foste ingrata, desprezaste a sorte,  
Buscaste a morte, e me entregaste allfim.

Que importa a vida no illusorio mundo  
Se é tão profundo meu soffrer e sorte,  
Se desprezado vivirei, carpindo,  
Chorando ou rindo buscarei a morte !

---

## Perfumes d'alma

( VERISSIMO DO BOMSUCCESSO JUNIOR )

Mancebo escuta o que eu ouvi no mundo,  
Sentir profundo, soffrimento, dôres ;  
Risos de gelo, bem amargo pranto,  
Lugubre canto no mausuléo de amores.

Amor não vi no fallar da virgem,  
Nem na vertigem de voraz paixão ;  
Só vi enganos, mentirosos sonhos,  
Écos medonhos de cruel traição !...

Pulsar não vi um coração sómente,  
Nem ternamente murmurar amor !...  
Só vi desprezo, a mentira impura,  
A desventura, no gemer da dor.

Não vi um riso nem um casto beijo,  
Terno desejo de um coração amante ;  
Só os sorrisos de infernal traição,  
A ingravidão a se ostentar constante.

O vicio eu vi — bem veloz correr,  
E se perder no turbilhão das salas ;  
Eu vi corôas lá no chão tombadas,  
E já manchadas da donzella as galas.

Pasmei ao ver, no alcouce, ellas,  
Mulheres bellas a vender amor ;  
Vi suas faces com a cor da morte  
Pungente sorte, que lhe deu a dor.

Chorei ao ver, uma virgem linda,  
De dor infinda, praguejar, descrida !...  
Vendo que era por seu pai mandada !  
Era arrastada ao altar, vendida !

Amor não queiras, porque amor é morte,  
Começo forte de um gemer profundo ;  
Amor não queiras porque amor não ha,  
Nem ella o dá a ninguem, no mundo !...

---

## Venus

( G R O S E B )

Vem, minha estrella, que te espero ancioso,  
Astro garboso a irradiar no céo ;  
Vem, rutilando, a despargir venturas  
Lá nas alturas a fugir sem véo.

Amo-te ao ver-te, encantadora e bella,  
Oh ! minha estrella, corpo que seduz ;  
Contemplativo olho-te, mimosa,  
Qual mariposa que procura a luz.

Venus esbelta que no espaço infindo,  
De aspecto lindo vens amor saudar ;  
Oh ! como ao ver-te tão feliz me sinto  
Quando presinto tua luz brilhar !

Ignea faisca, que minh'alma inflamma  
Com essa chamma magnetisadora ;  
No azul celeste quando te namoro  
De prazer choro, minha seductora.

Tu és a imagem do objecto amado,  
Que cativado tem minh'alma afflicta...  
Parece, ao ver-te, que a meu seio aperto  
Seu corpo esbelto, de belleza infinita.

Seu lindo rosto, sua tez mimosa,  
Boca graciosa de um gentil sorrir ;  
Negros cabellos, elegante porte  
Que n'um transporte faz amor sentir.

Terno carinho que de amor cativa,  
Que ao ente priva ao coração da calma ;  
Quem póde vel-a sem sentir d'amores,  
Suaves dores que nos pungem n'alma.

---

## Recordação

Triste lembrança de um passado ameno,  
Que tão sereno me sorria outr'ora ;  
A vida era para mim delicias...  
Essas caricias — almejava agora...

Mas hoje, dura me tem sido a sorte,  
Porém seu norte seguirei ao fim :  
Suspiros tristes magoados prantos  
São os encantos de um viver assim.

Se da vida os gozos desfructar pudera,  
Então quizera te offertar um canto ;  
Os tristes ais se tornarião beijos,  
Loucos desejos qu'almejava tanto.

Não póde o tempo despertar n'est'alma  
A doce calma de um viver de flôres ;  
Não póde o tempo apagar da mente  
Aquelle ente que me deu amores.

Se um dia a vida me offertar venturas,  
Gozos, ternuras, sem cruentas dores ;  
Serei feliz, despertará nest'alma  
A doce calma de um viver de amores.

Porém se a sorte não quizer poupar-me,  
E offertar-me em vez de gozos—dores  
Com a fronte baixa, entregarei meus braços  
Aos doces laços da prisão de amores.

---

### Escuta...

( DR. PEDRO DE CALAZANS )

Se para amar-te fôr mister martyrio  
Com que delirio, saberei soffrer !  
Se de altas glorias fôr mister a palma,  
Talvez minh'alma possa além colher...

Quebrar cadêas, conquistar um nome,  
Que não consome o perpassar das éras ;  
Arcar com as furias de iracundos nortes,  
Soffrer mil mortes, sem morrer devéras ;

Nas proprias carnes apertar cilicios,  
Nos sacrificios, ter sereno rosto ;  
Pisar descalço sobre espinhos duros,  
Com pés seguros, com signaes de gosto ;

Longe da patria, no paiz mais feio,  
Do tédio em meio para amar-te, irei  
Viver, embora, sobre a zona ardente  
E alli contente por te amar serei !...

E a ser amado, se é myster o incenso  
Que sobe denso dos salões aos tectos ;  
Serei altivo, mas não irei de rastos,  
Com labios castos mendigar affectos !

E se me odeias, por não ir ás salas  
Dizer-te as fallas de mendaz paixão,  
E, aos olhos de outros, profanando extremos,  
Dizer-te :— amemos —, apertar-te a mão...

Dá-me teu odio, pois, não quero, escuta,  
Beber cicuta — procurando mel ;  
Dá-me teu odio, mas em gráo subido,  
Embora ungido de amargoso fel !

Dá-me teu odio, por fatal sentença !  
A indiferença me será peor ;  
Que um sentimento por mim ténhas n'alma,  
Dá-me essa palma de soffrer melhor.

---

## Um sonho

(VEIGA)

Dormia... minh'alma, de amor combatida,  
Gemia ferida de intenso delyrio...  
O mundo era um templo, a lua clara  
Sorria saudosa, qual mystico cyrio.

Os ventos quebravam, nos mares dormentes  
Aos raios fulgentes da lua esplendiam...  
Nem vagos murmurios, nem cantos das aves  
Rangentes, suaves, ao longe, se ouviam.

Fugazes neblinas, o disco da lua  
Ao vél-a tão núa, ás vezes, velavam ;  
Mas, logo os bafêjos de tepida aragem  
A lucida imagem da Deosa mostravam.

Mil puras estrellas, que outr'ora fulgiam,  
Seu brilho perdiam na limpida esphéra...  
A lua imperava, e o mundo prostrado,  
Dormia embalado por doce chiméra !

Que santo mysterio, na tétrica selva !  
Dos campos sem relva, que grata frescura !  
Nos ares tão puros, que vivos perfumes !  
Que pallidos lumes, na negra espessura !

Na esteira alvascenta de praia formosa,  
Eu vi, vaporosa, mulher ou visão !  
Ao vê-la, minh'alma, de amores perdida,  
Julgou-se ascendida na etherea mansão.

Que olhos ! que boca ! que collo ! que rosto !  
Que raro composto ! que maga poesia !  
Da virgem — prodigio na voz commovida,  
Que nenia sentida ! que branda harmonia !

Seus longos cabellos, tão negros e soltos,  
Cahiram revoltos nos nitidos seios...  
E as faces de neve rosadas ficavam,  
Se acaso a agitavam pudicos enleios.

Já triste captivo, um culto fervente  
Votei-lhe de affecto sublime...  
E a virgem, sorrindo, faceira, medrosa,  
Me disse amorosa : mancebo ! segui-me !

Qual vôa no espaço a ligeira setta,  
Qual rubro cometa, rasgando a amplidão,  
Assim, pela praia, lancei-me arroubado,  
Nas azas levado de ardente paixão.

E a virgem, fugindo, qual corsa ligeira  
Que ouvio na clareira, suspeitos rumores,  
Corria, corria, em fervida lida,  
Sem tino, impellida por vagos temores.

E eu, pobre demente, corria após ella,  
E a varia donzella corria tambem ;  
Se acaso na praia um monte s'erguia,  
A virgem sorria, dizendo-me : além !

Sem forças, cansada de infrene carreira,  
A virgem loureira sentou-se, por fim ;  
E eu, crente no effeito do brando desmaio,  
Voei como um raio ao meu seraphim.

Fruindo já n'alma, mil puras delicias,  
Gostosas primicias, meu anjo alcancei ;  
E prestes já ia de amor saciar-me ;  
Mas, ouço chamar-me, e nisto acordei !

Que negro destino ! Que até mesmo em sonho  
Um quadro risonho nem dura um momento !  
Oh ! nunca na terra mulher caridosa  
Virá suspirosa, findar meu tormento.

---

## Minh'alma é triste

( CASIMIRO DE ABREU )

Minh'alma é triste como a rôla afflicta  
Que o bosque acorda desde o albor da aurora.  
E em doce arrulo que o soluço imita  
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,  
Minh'alma chora as illuções perdidas,  
E no seu livro de fanado gozo  
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa  
Seu pobre canto com a dor desmaia,  
E seus gemidos são iguaes á queixa  
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a criança que banhada em prantos  
Procura o brinco que levou-lhe o rio ;  
Minh'alma quer resuscitar nos cantos  
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gozos nas mundanas galas,  
Mas eu não sei em que o prazer consiste,  
—Ou sô no campo, ou no rumor das salas,  
Não sei porque—mas a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como a voz do sino  
Carpindo o morto sobre a lage fria ;  
E doce e grave qual no templo um hymno,  
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as velas soltas,  
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares ;  
E longas horas acompanha as voltas  
Das andorinhas recortando os ares.

A's vezes louca, n'um scismar perdida,  
Minh'alma triste vai vagando atôa,  
Bem como a folha que do sul batida  
Boia nas aguas de gentil lagôa !

E como a rola que em sentida queixa  
O bosque acorda desde o albor da aurora,  
Minh'alma em notas de chorosa endeixa  
Lamenta os sonhos que já tive out'rorá.

Dizem que ha gozos no correr dos annos !...  
Só eu não sei em que o prazer consiste,  
— Pobre ludibrio de crueis enganós,  
Perdi os risos—a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como a flor que morre,  
Pendida á beira do riacho ingrato ;  
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,  
Nem doce canto o sabiá do mato !

E como a flor que solitaria pende  
Sem ter caricias no voar da brisa,  
Minh'alma murcha, mas ninguem entende  
Que a pobresinha só de amor precisa !

Amei outr'ora com amor bem santo  
Os negros olhos de gentil donzella,  
Mas dessa fronte de sublime encanto  
Outro tirou a virginal capella.

Oh ! quantas vezes a preendi nos braços !  
Que o diga e falle o laranjal florido !  
Se mão de ferro espedaçou dous laços  
Ambos choramos, mas n'um só gemido !

Dizem que ha gozos no viver de amores,  
Só eu não sei em que o prazer consiste !  
—Eu vejo o mundo na estação das flores...  
Tudo sorri—mas a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como o grito agudo  
Das arapongas no sertão deserto ;  
E como o nauta sobre o mar sanhudo,  
Longe da praia que julgou tão perto !

A mocidade no sonhar florida  
Em mim foi beijo de lasciva virgem ;  
—Pulava o sangue e me fervia a vida,  
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia !...  
No afan da gloria me atirei com ancia...  
E, perto ou longe, quiz beijar a sereia  
Que em doce canto me attrahio na infancia.

Ai ! loucos sonhos de mancebo ardente !  
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas!...  
— Pombo selvagem, quiz voar contente...  
Ferio-me a bala no bater das azas !

Dizem que ha gozos no correr da vida...  
Só eu não sei em que o prazer consiste !  
— No amor, na gloria, na mundana lida,  
Foram-se as flores—a minh'alma é triste !

---

## A Judia

( THOMAZ RIBEIRO )

Corria branda a noite ; o Tejo era sereno ;  
A riba, silenciosa ; a viração, subtil ;  
A lua em pleno azul erguia o rosto ameno ;  
No céu, inteira paz ; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longinquo ; airoso barco ao largo  
Bordava aureo listrão do Tejo ao manto azul ;  
Cedia a natureza ao celestial lethargo ;  
Traziam meigos sons as virações do sul.

Oh ! noite de Lisboa ! oh ! noite de poesia !  
Auras cheias de aroma ! esplendido luar !  
Vastos jardins em flores ! suavissima harmonia !  
Transparente, profundo, infindo, o céu e o mar !

Se a triste da Judia ousasse ter desejo  
De patria sobre a terra, aqui prendera o seu :  
Um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,  
E eleito da minh'alma um coração só meu !...

Corria branda noite ; immersa em funda magua  
Fui assentar-me triste e só no meu jardim ;  
Ouvi um canto ameno e um barco ao lume d'agua.  
Vogava brandamente. A voz dizia assim :

— « Dormes? que eu velo, seductora imagem,  
Grata miragem que no ermo vi ;  
Dorme—impossivel—que encontrei na vida !  
Dorme, querida, que eu descanto aqui !

Dorme ! eu descanto a acalantar-te os sonhos  
Virgens, risonhos, que te vem dos céos !  
Dorme ! e não vejas o martyrio, as magoas,  
Que eu digo ás aguas, e não conto a Deus !

Anjo sem patria, branca fada errante,  
Perto ou distante que de mim tu vás,  
Ha de seguir-te uma saudade infinda,  
Hebrêa linda, que dormindo estás !

Onde nasceste ? onde brincaste, oh ! bella !  
Rosa singela que não tens jardim ?  
No Cairo ? em Malta ? em Nazareth ? no Egypto ?  
Mundo infinito, e tu sem berço ? ! oh ! sim.

Folha que o vento da fortuna impelle !  
Victima imbelle que um tufão roubou !  
Flor que n'um vaso se alimenta, cresce,  
Ri, desaparece, e nunca mais voltou !

Filha d'um povo perseguido e nobre,  
Que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê !  
Sempre Ashavero a percorrer a esphera !  
Desgraça austera ! inabalavel fé !

Porque ha de o lume de teus olhos bellos  
Mostrar-me anhelos d'infinito ardor ?  
Porque esta chamma a consumir-me o seio ? . . .  
Deus de permeio nos maldiz o amor ! . . .

Peito ! meu peito, porque anceias tanto ?  
Pranto ! meu pranto, basta já, não mais !  
E sina, é sina ! remador, voltemos ;  
Não n'a acordemos . . . para que, meus ais ? . . .

Dorme, que eu velo, seductora imagem,  
Grata miragem que no ermo vi ;  
Dorme — impossivel — que encontrei na vida !  
Dorme, querida, que eu não volto aqui !

---

## Elvira

( J. FERREIRA NEVES )

Serenos threnos de alaúde rude  
Da juventude, venho aqui depôr :  
Sonhando, amando teus encantos santos,  
Virgem, meus cantos pedem só amor !

Formosas rosas n'esse rosto-posto  
Ha só por gosto da natura a mão ;  
Teu seio cheio de ternura pura,  
Tem na brancura virginal condão !

Não minto. Sinto que minh'alma a palma  
Sonha da calma n'esse teu sorrir. . .  
Tristonhos sonhos do futuro eu juro,  
Teu riso puro poderá banir !

Florida a vida se tornara, e cara,  
Se pouco avára fosses tu no amar ;  
De amores dores não carpira a lyra,  
Se alento, Elvira, me quizesse dar !

Divinos hymnos — não lamentos lentos,  
Soltára aos centos teu fiel cantor,  
Se anhelos bellos, perfumosos gozos,  
Dias ditosos, lhe trouxesse amor !

Meu peito, leito de amarguras duras,  
De crenças puras se nutríra um dia,  
Se Elvira dira a meus amenos threnos  
Dissesse ao menos que valor daria !

---

## Outr'ora e hoje

(J. DE L.)

Outr'ora, entregue aos devaneios d'alma,  
Meu peito em calma com prazer bateu,  
Hoje saudoso seu passado imploro,  
Triste deploro quanto já perdeu.

Outr'ora altivo o coração se erguia  
N'essa alegria que o prazer transluz...  
Hoje, coitado ! nem um beijo, um riso,  
Alma sem viso, sem calor, sem luz...

Outr'ora os sonhos que sonhei contente  
A minha mente me beijou de amor,  
Hoje dos sonhos que sonhei na infancia  
Foge a fragrancia, existindo a dor !

Outr'ora os gozos que gozou infindos,  
—Que gozos lindos que o viver seduz !  
Hoje sem norte a trilhar, choroso—  
Procuro ancioso entre as trevas—luz !—

Outr'ora um lyrio de jardim ameno,  
Lindo, sereno, no prazer das galas,  
Hoje cahido, desfolhado, murecho,  
Vive sem luxo sob o pó das salas.

E tanto amor e tanta gloria e ancias,  
Doces fragrancias que gozei no amor,  
Foi como o fumo—só me resta em herança  
Triste lembrança, o definhar-me em dor.

---

## Visão

( LUCIO LULA )

Se tu sentisses dentro d'álma a chamma  
Que a vida inflamma, qu'a destroe por fim,  
Victima incauta da paixão serias ;  
E então terias compaixão de mim.

Se tu soubesses do segredo casto  
Que mudo arrasto á um cançar assim ;  
Tredos estragos do dragão verias,  
E então terias compaixão de mim.

Queres qu'eu conte minha triste historia,  
Que da memoria nunca mais perdi ?  
Ouve, querida, n'um silencio mudo,  
Que eu conto tudo, mas só conto a ti.

Conto, e não digas, a ninguem transmittas  
Estas desditas de tão negra côr...  
Attende, attende, minha historia ingrata  
Que mal retrata meu intenso amor.

Attende, attende : e se és visão, se és anjo,  
Fada, ou archanjo, divindade, emfim,  
Sei que me vendo no fatal deserto,  
Terás de certo compaixão de mim.

Era uma noite de frescura amena,  
Noite serena qual sorrir de Deus ;  
Noite em que a lua todo céu devassa,  
E a terra abraça com um sorrir dos seus.

Era uma noite de eternal magia...  
No céu se via um esplendor sem fim ;  
Na terra a brisa murmurando amores,  
Por entre as flores só dizia—sim.

Era uma noite de sublime encanto...  
Noite sem manto de funereo véo ;  
Noite de amores que mysterio encerra,  
Noite em que a terra se assemelha ao céu.

Se o céu tem nuvens, tem a terra flores ;  
Se o céu fulgores, tem-nos cá também ;  
Se o céu tem crentes, tem a terra archanjos,  
Se o céu tem anjos, também anjos tem.

E um anjo eu via nesta noite amena,  
Noite serena, sem negror nem véos ;  
Em cima a lua, fulgurante archanjo,  
Em baixo o anjo, que desceu dos céos.

Era fulgente a aparição que eu via,  
Como ardentia que salpica o mar ;  
Cegou-me o brilho de seus olhos bellos,  
Creei anhelos no seu meigo olhar.

Ai ! deslumbrado de belleza tanta,  
Que a vida encarta, qu' a destroe por fim,  
Eu tive medo que a razão fugisse,  
E se extinguisse a consciencia em mim.

Lhe ornava a fronte diadema augusto  
De immenso custo : — o ideal de amor,  
Nos labios rubros se aninhava um beijo,  
A' face o pejo lhe fornece a côr.

Patria querida de gentis amores,  
— Jardim de flores que perfumes tem,  
O collo esbelto, sem collar nem fita,  
A mente excita, e a paixão também.

Trança lustrosa dos cabellos d'ouro  
Fôrma um thesouro que a razão seduz,  
Porte, cintura e ademans, simpleza,  
Tudo é belleza, formosura e luz.

Tão lindo o anjo, radiante e bello...  
Que, louco, ao vél-o esplendoroso assim  
Amei-o muito; e meu amor contando,  
Pedi chorando compaixão de mim.

E a prece, o rogo, minha queixa ouvindo  
O anjo lindo que na crença amei,  
Disse mostrando carregado cenho :  
Amor não tenho, porque amar não sei.

E tu, querida, vaporoso archanjo,  
Eras o anjo que fallou-me assim,  
Dei-te meus sonhos, teu rigor me déste ;  
Nunca tiveste compaixão de mim.

Bem sei, bem sei, n'outro amor te inflammas,  
Qu' a outrem amas !... E eu só amo a ti,  
Ai que desdita !... que existencia escura...  
Quanta ventura, quanto amor perdi...

Que mais me resta da fatal sentença ?  
Resta a descrença da visão que eu vi,  
Sonhos dourados, esperanças bellas,  
Flores singelas, illusões perdi.

Basta ; já sabes o fatal segredo  
Que faz o enredo do meu louco amor...  
Ah ! se persistes no desprezo ingrato  
Aceita o trato ; e morrerei de dor.

---

**A ella...**

( ANILORAC )

Quando, encantado, pela vez primeira  
Te vi faceira seductora e linda...  
Senti nas fibras de meu peito moço,  
Certo alvoroço que jámais se finda !

Então... scismando no teu porte altivo,  
Tristonho vivo sem allivio achar !  
E ás horas mortas do cahir do dia,  
Vai-se a alegria... começo a pensar !

Oh ! como é triste, na manhã da vida,  
Sentir ferida de paixão a alma !...  
Meu Deus, sou fraco p'ra tão dura sorte  
Mandai a morte... soffrerei com calma.

Aos meus, eu peço, qu'em vez de oração,  
Deem o perdão para os restos meus !  
E á mãe querida, que está longe agora,  
Mando n'esta hora, o meu terno—adeus.

E tu, donzella, que meu peito inflammas,  
Co'as vivas chammas de atroz amor...  
Quando a tristeza te crestar a cor,  
Lembra-te, oh ! flor, qu'eu morri de dor !

## Outr'ora

(ALMEIDA CUNHA)

Afagos magos e venturas puras,  
Donzella, outr'ora já gozei por ti,  
Immensas crenças na perdida vida  
Dentro em meu peito com prazer senti.

De enleio o seio palpitante, amante,  
Ai ! muitas vezes palpitou de amor ;  
Minh'alma a palma da magia via  
Dos teus amores na primeira flor.

Immerso em berço de risonhos sonhos  
Meu pensamento vagueou no céu ;  
Sereia cheia de auguros puros,  
Porque rasgaste o pudibundo véo ?

Amei-te, dei-te do meu peito a eito  
Toda a esperança, todo o amor e fé ;  
Não via, cria que a donzella bella  
Só ergueria meu amor de pé.

Vira da lyra, nos divinos hymnos,  
Uma esperança a desabrochar em flor ;  
Nas scismas—prismas, nos amores—flores,  
Nas crenças—vida, e n'essa vida—amor.

Da lyra ouvira, nos amenos threnos,  
A tua doce e embriagante voz ;  
Sonhando, amando, no meu seio veio  
Lançar as garras um ciume atroz.

Trahiste ; riste dos encantos tantos,  
Que promettião divinal porvir ;  
Mataste, eivaste uma ventura pura  
No venenoso d'esse teu sorrir.

Outr'ora—a aurora de ditosos gozos...  
Hoje—amargura que para mim sorri !  
Outr'ora—aurora de risonhos sonhos...  
Hoje—a saudade d'esse amor por ti.

---

## A' tarde

(BENJAMIN LABOTTIÈRE)

Não imaginas como é bella a tarde !  
O peito arde com saudades mil,  
Ao doce aroma d'essas flores bellas,  
Lindas, singelas, sob um céu de anil.

Além murmura na folhagem a brisa,  
E apoz deslisa do riacho ao leito,  
E a meiga rola, no laranjal florido,  
Solta um gemido ao soluçar do peito.

O orvalho desce em crystallinas gottas,  
—Perolas soltas esmaltando as flores—  
Quando talvez... bem palpitam os seios.  
N'esses anceios virginaes amores.

Triste suspira a jurity saudosa,  
Bella e formosa da collina á margem,  
E sobre a rosa o colibri mimoso  
Balouça airoso ao perpassar d'aragem.

Lá no occaso, descambando ardente,  
Morre fulgente o bello rei dos astros ;  
Como o navio que n'horizonte louco,  
Vai pouco a pouco escondendo os mastros.

E' — uma idéa d'esses sonhos bellos,  
D'esses anhelos que ao coração pulsou ;  
E' a imagem de um amor primeiro,  
Sonho fagueiro que morreu... passou...

---

### **E' curta a vida**

( CANDIDA ISABEL DE PINHO COTRIM )

E' curta a vida ao mortal ditoso,  
Que venturoso goza alegre o mundo ;  
E' curta a vida se jámais sentio  
Se nunca o ferio um pezar profundo.

E' curta a vida se ha n'ella gozos  
Ternos, mimosos, d'um viver de amores ;  
E' curta a vida se corre serena  
Doce e amena qual viver de flores.

E' curta a vida se um amor eterno  
N'um peito terno bem voraz se accende ;  
E' curta a vida, se goza contente  
O meigo ente que o seduz e prende.

E' curta a vida quando ha n'ella encantos  
Prazeres tantos que á mente assaltam ;  
E' curta a vida se n'ella gozamos  
Se desfructamos delicias que matam.

Para mim, que gozo a suprema dita,  
Grande, infinita, de viver contigo,  
E' curta a vida, e mais curta ainda  
A ventura infinda que gozas commigo.

E' curta a vida — e só peço a Deus  
Carinhos teus p'ra sempre gozar ;  
Longe o desgosto — que não venha a dor  
Tão puro amor jámais perturbar.

---

## Eu amo

( H. O. CAMPOS )

Eu amo a tarde quando o sol sumindo,  
Se vai sentindo de frescura o ar :  
No ninho as aves, no redil o gado  
Do campo, ou prado, já vem repousar.

Eu amo a noite mais serena e bella  
Que um céu de estrellas semeado tem ;  
Eu amo a lua que no limpo céu  
De branco véo vem surgindo além.

Eu amo a fonte que sussurra grata  
Na noite alta, no silencio e paz ;  
Amo o regato que no bosque escuro  
N'um ar bem puro murmurio faz.

Eu amo as vezes repetidas, tantas,  
Que o gallo canta já prevendo o dia ;  
E amo a Venus quando escuro ainda  
Tão meiga e linda lá no monte brilha.

Eu amo o céu quando luz d'aurora  
As nuvens doura no nascente fina ;  
Eu amo a Alva quando o dia vindo  
Se vai sumindo lá no céu divina.

Eu amo a brisa quando embala as flores,  
Que mil primores orvalhadas tem ;  
Eu amo o Zephiro que nos traz frescores,  
Amo os odores que do campo vem.

Eu amo a terra, amo os mares, os céos,  
Eu amo a Deus, o da Natura Autor ;  
Eu amo a lua, mais o sol, estrellas,  
As flores bellas traduzindo — amor !

---

## Amor e medo

( C. DE ABREU )

### I

Quando te fujo e me desvio cauto,  
Da luz, do fogo, que te cerca, ó bella,  
Comtigo dizes, suspirando amores :  
Meu Deus ! que gelo, que frieza aquella.

Como te enganas ! meu amor é chamma,  
Que se alimenta no voraz segredo ;  
E se te fujo, é que te adoro louco ;  
E's bella, eu moço ; tens amor, eu medo !...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,  
Das folhas seccas, do chorar das fontes,  
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,  
A luz da aurora me intumece os seios ;  
E ao vento fresco do cahir das tardes  
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento, que na varzea, ao longe  
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,  
Soprando um dia tornaria incendio  
A chamma viva que teu riso atéa !

Ai ! se abrazado crepitasse o cedro,  
Cedendo ao raio, que a tormenta envia,  
Diz : que seria da plantinha humilde,  
Que á sombra d'elle tão feliz crescia ?

A labareda que se enrosca ao tronco  
Torrára a planta qual queimára o galho  
E a pobre nunca reviver pudera,  
Chovesse embora paternal orvalho !

II

Ai ! Se eu te visse no calor da sesta,  
A mão tremente no calor das tuas  
Amarrotado teu vestido branco,  
Soltos os cabellos nas espadoas nuas !...

Ai ! se eu te visse, Magdalena pura,  
Sobre o velludo reclinada a meio,  
Olhos cerrados na volupia doce,  
Os braços frouxos—palpitante o seio !...

Ai ! se eu te visse, em languidez sublime,  
Na face as rosas virginaes do pejo,  
Tremula a falla a protestar baixinho...  
Vermelha a bocca, soluçando um beijo !...

Diz : — que seria da pureza d'anjo,  
Das vestes alvas, do candor das azas ?  
— Tu te queimáras, a pizar descalça,  
— Criança louca,—sobre um chão de brazas !

No fogo vivo eu me abrazára inteiro !  
Ebrio e sedento na fugaz vertigem  
Vil, machucára com meu dedo impuro  
As pobres flores da grinalda virgem !

Vampiro infame, eu sorveria em beijos  
Toda a innocencia que teu labio encerra,  
E tu serias no lascivo abraço  
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio  
— Olhos pisados — como um vão lamento,  
Tu perguntáras : — qu' é da minha c'róa?...  
Eu te diria : — desfolhou-a o vento !...

Oh ! não me chames coração de gèlo !  
Bem vês ; trahi-me no fatal segredo,  
Se de ti fujo é que te adoro muito,  
E's bella—eu moço ; tens amor, eu —medo !...

---

## Miragem

( GREGORIO DE ALMEIDA )

Quando tu fallas, tua voz é o éco  
Da voz de um anjo que do céo murmura ;  
Quando me olhas — teu olhar é o mundo,  
Que eu sonhei todo amor, todo ternura.

Quando pisas, parece que os aromas  
Do nardo e do jasmim surgem do chão  
Quando te ris, o céu abre-se ardente  
Todo luz, todo amor, todo illusão!

Quando passas, o farfalhar das sedas  
Faz palpar os corações com ancia;  
Ha no teu rosto, no teu corpo todo  
Um quê das brancas flores e da infancia!

Quando oras no templo, — os olhos baixos,  
As mãos cruzadas, o sorrir nos labios —  
Tu te assemelhas, anjo, ás creaturas  
Cheias de fé, de amor, dos livros sabios...

Tu és tão santa, tão mimosa e pura  
Que me parece, vendo-te tão calma,  
Ser teu corpo uma soml:ra, ou seres toda  
Harmonia, perfume, luz e alma!

Ha n'alvura da tez um quê das nuvens,  
Raios do sol nas tuas louras tranças:  
Ou és um mixto de neblina e rosas,  
Ou um anjo mimoso de esperanças!

Maldito aquelle que te olhar, pensando  
Tirar-te da innocencia o branco véo  
Para te amar, sómente de joelhos...  
Que tu não és da terra, mas do céu.

---

N. B.— Reproduzimos este recitativo, por ter sahido truncado no 1º volume.

## Perdão

(J. S. S.)

Perdão, ó virgem, se n'um momento louco,  
Fallei-te ha pouco te declarando amor,  
Porque com arte, te mostrando esquiva,  
Queres, altiva, tua vaidade expôr.

Perdôa sim, pois te imaginava um anjo,  
Celeste archanjo, a me offerecer conforto;  
Mas hoje vejo, tu és mulher sómente,  
Qu'amor não sente, ou o coração tem morto.

Vi no teu gesto, nas contracções do rosto,  
Tudo disposto p'ra infernal mentira,  
Porém, ardendo na abrazadora chamma,  
Minh'alma exclama, minha razão delira!...

E, desgraçado, como a victima imbelle,  
Que a sorte impêlle a sacrificio horrendo,  
Apóz phantasma, ou uma visão ridente,  
Corri, demente, tanta esperança tendo.

Mulher vaidosa, de natural fingido,  
Quiz abatido ter um escravo aos pés,  
Fingia amar-me, meu coração lhe dei,  
Mas só achei desdens e traições crueis.

Esse amor, que me dominára a alma,  
Depõe a palma do mártirio... e morre;  
Murchas as flores, que te offertára um dia,  
Assim tão fria tua lembrança occorre!

# LUNDÚS

## A marrequinha

( FRANCISCO DE PAULA BRITO

Os olhos namoradores  
Da engraçada yá-yázinha,  
Logo me fazem lembrar  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Se dançando a *brazileira*  
Quebra o corpo yá-yázinha,  
Com ella brinca pulando  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Se não eu morro,  
Leva-me a breca.

Quem a vê terna e mimosa  
Pequenina e redondinha,  
Não diz que conserva presa  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Se não eu morro,  
Leva-me a breca.

Na margem da Caqueirada  
Não ha só bagre e tainha,  
Alli foi que ella criou  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

Tanto tempo sem beber,  
Tão *jururú*... coitadinha  
Quasi que morre de sêde  
Sua bella marrequinha.

Yá-yá, não teime,  
Solte a marreca,  
Senão eu morro,  
Leva-me a breca.

---

### **E' bem bom, não dóe nem nada**

Minha doce yá-yázinha  
Quando está toda enfadada  
Dá pancadinhas na gente...  
E' bem bom, não dóe nem nada.

Gosto d'ella  
Só por isso,  
Que a pancada  
Tem feitiço.

A's vezes bullo com ella  
Para vél-a amofinada,  
Dá-me e... puxa os cabellos,  
E' bom não dóe nem nada.

Gosto d'ella  
Só por isso,  
Que a pancada  
Tem feitiço.

Hontem brincando com ella  
Pregou-me uma dentada,  
Acclamei-lhe mesmo ferido :  
E' bem bom não dóe nem nada.

Gosto d'ella  
Só por isso,  
Que a dentada  
Tem feitiço.

Um dia dando-lhe um beijo  
Pôz-me a lingua ensanguentada,  
Então me rindo lhe disse :  
E' bem bom não dóe nem nada.

Gosto d'ella  
Só por isso,  
Que seus modos  
Tem feitiço.

## O gatinho

Era um gatinho que eu tive  
Um gatinho folgasão,  
Quereis saber o seu nome ?  
Eu o chamava Torrão :  
Quereis sobel-o porque ?  
Eu já vos digo a razão :

Era côr de azeviche,  
Tinha colleira amarella,  
Quem m'o deu, não sei se o conte...  
Eu o furtei d'uma bella !  
« E' mentira tenho zelos,  
O gatinho deu-t'o ella ! »

Se te arrufas já commigo  
Então não quero contar ;  
Vai ouvindo a minha historia  
Escuta, que has de gostar :  
Eu o chamava Torrão  
Porque era bravo a brincar.

Quando me via tristonho  
Lamber vinha-me a mão,  
Quando me via contente  
Dava pulinhos no chão ;  
Assim tomava o gatinho  
De prazer um bom fartão.

Mas um dia, oh ! que ventura,  
O gatinho era brejeiro,  
Vio uma moça dançando  
Foi-se a ella sorrateiro ;  
Furtou-lhe a liga da perna  
E fugio com ella ligeiro !

« Que foi feito do gatinho ? »  
A moça logo que o via  
Lembrando-se da graça  
De prazer gostosa ria ;  
Té que por descuido meu  
M'o furtou n'um certo dia !

---

## Os olhos de yá-yázinha

(GUALBERTO PEÇANHA)

Nunca vi olhos tão bellos  
Como os da minha vizinha,  
Dão a morte n'um instante  
Os olhos de yá-yázinha.

Não tem a côr da saphyra,  
Nem a côr da viuvinha,  
Porém são côr da noite  
Os olhos de yá-yázinha.

Elles são mui galantes  
Como são os da vizinha,  
Nos requebros fallam tanto  
Os olhos de yá-yázinha.

Tambem tem olhos formosos  
A minha cara priminha,  
Mas não fallam, como fallam  
Os olhos de yá-yázinha.

Eu encontrei no passeio  
Uma gentil moreninha,  
Era bella, mas não tinha  
Os olhos de yá-yázinha.

Fiquei tãe apaixonado  
Que disse a minha madrinha :  
— Stou doente porque vi,  
Os olhos de yá-yázinha.

Ando agora como anda.  
No verão bella andorinha,  
Tudo por ver um momento  
Os olhos de yá-yázinha.

Não sei se são olhos de anjo  
De princeza ou de rainha,  
Só sei que me matam de amor  
Os olhos de yá-yázinha.

*Estrilho*

São olhos lindos  
De negra côr,  
Os olhos d'ella  
Cheios de amor.

---

**Gentis você já vio já**

Gentis, você já vio já  
Yóyó mais si dotó?  
Que deixa o peito da gentis,  
Fazendo tátá sem dó?

Que ladrão que faz a gentis  
Sentir por elle um bichinho,  
Roendo o coração  
Lhe penicando mancinho.

Você gentis não tem não,  
Tambem seu camondonguinho,  
Não tem amor, não quer bem  
A algum yô-yózinho ?

Pois é doce, é bem gostoso  
Ter a gentis seu ladrão,  
Para alliviar as magoas  
De seu triste coração.

Não ha gentis de bom gosto,  
Do grande tom rigoroso,  
Que não tenha seu Adonis  
Seu trambolhinho amoroso.

O querer bem é amar  
E' o gostar, do que é bom,  
Não offende, não é crime,  
E não é peccado, não.

---

### Lundú das moças

Santo Antonio, meu santinho,  
Attendei minha oração,  
Eu prometto ter-vos sempre  
Juntinho no meu coração.

Livrai-me do laço  
Oh ! meu Santo Antonio  
Para que o demonio  
Não venha tentar,  
A dar-vos um banho  
No fundo do mar.

Dai-me um noivo, meu santinho,  
Um noivo gordo ou bem magro,  
Que me adore, e recompense  
O amor que lhe consagro.

Livrai-me do laço  
Oh! meu Santo Antonio, etc.

Não quero dos que fallam  
Em bailes, funcões sómente,  
Que esses tirados d'ahi  
A fórma só tem de gente.

Livrai-me do laço  
Oh! meu Santo Antonio, etc.

Não me dès d'estes que fallam  
Com modos de santarrão,  
Que cochicham segredinhos  
Limpando as unhas da mão.

Livrai-me do laço  
Oh! meu Santo Antonio, etc.

Dos que olham com tregeitos,  
Com artes não sei de que?  
Fallando sempre em amores  
Meu Santinho, não me dê.

Livrai-me do laço  
Oh! meu Santo Antonio, etc

Dos que andam farejando  
Casamento com dinheiro  
D'esses não porque só querem.  
Escrava no captivoiro.

Livrai-me do laço  
Oh ! meu Santo Antonio, etc.

Dos beatos moralistas,  
Que a tudo chamam indecente,  
Cruz, demonio ! Agua salgada !  
Deus me livre de tal gente !

Livrai-me do laço  
Oh ! meu Santo Antonio, etc.

---

### O meu coração

Eu tenho um bichinho  
Do lado de cá,  
Que grita, que salta  
Ao ver a yá-yá.

Me pula no peito  
Chorando ou se rindo,  
Ao ver de uma bella  
O seu rosto lindo.

E' bicho que mata,  
Que rói com furor,  
Que bate no peito  
Com ancia e ardor.

Só anda saltando  
Cá dentro do peito,  
E' bicho que ás moças  
Já não tem respeito.

Não peguem no bicho  
Que pôde morder,  
Não tirem do peito  
Qu'eu posso morrer.

Yá-yá, tome lá  
Meu lindo bichinho,  
Mas traga no seio,  
E bem guardadinho.

Fugio-lhe o bichinho,  
Que pena yá-yá,  
E diz que seu peito  
Volcão sempre está.

Ninguem faça caso  
De tanto calor.  
E' peito que queima  
Porque tem amor.

Sinhá, tome o bicho,  
Porém guarde-o bem,  
Que á minha yá-yá  
Amor também tem.

Fugio outra vez,  
Que forte travesso !  
De minha yá-yá  
Eu nunca m'esqueço.

Como é o seu nome  
P'ra n'elle escrever,  
Então, sinházinha,  
Não quer me dizer ?

Eu sou seu amor,  
Sou seu coração,  
Imagem da nossa  
Futura união.

Eu sou seu yó-yó  
De peito ferido,  
Por minha yá-yá  
Eu sou derretido.

Receba, sinhá,  
O lindo bichinho,  
Em troca na mão  
Eu dou-lhe um beijinho.

Yó-yó, sim, eu quero  
O seu coração,  
Mas isto de beijos...  
E logo na mão !...

E o que tem isto  
Amante yá-yá ?  
O que é um beijinho  
Na mão de sinhá ?

Vá feito, não quero  
Ter nome de á,  
Aqui está a mão  
Ora beije lá.

Nunca dei beijinhos  
Tão bellos, gostosos,  
Deixaram-me os beijos  
Quentinhos melosos.

Não falle do beijo  
Ora veja lá,  
Senão perde todo  
O amor de sinhá.

Só sabe o que é isto  
Quem tem coração ;  
Acabe que o resto  
Não digo mais não.

---

### Quando eu era pequenino

Quando eu era pequenino,  
Que diabinho,  
Mas travesso era então ;  
Quando as moças me beijavam,  
Me abraçavam,  
Já lhes dava beliscão...

E brincava com a priminha  
Mariquinhas,  
Escondido no quintal;  
Era tão bom o brinquedo,  
Em segredo,  
A' sombra do laranjal. . . .

Já beijava-lhe a boquinha  
Fechadinha  
Como da rosa o botão  
E se ao abril-a sorria,  
Eu sentia,  
Palpitar-me o coração.

Mas hoje como sou grande,  
E se expande  
Em meu peito mais ardor ;  
Já não acho quem me beije,  
Quem deseje,  
Ou aceite meu amor.

Se a furto beijo a priminha,  
Brejeirinha,  
Vai dizer tudo a vóvó !  
Ouço logo uma raspança. . . .  
Que mudança !  
Até me falla em cipó.

Assim é, embora eu juro,  
E rejuro,  
De não dar mais beliscão ;  
Se peço um beijo á priminha,  
Velhaquinha,  
Me responde : — ora, pois não.

Quando penso no passado,  
Mal gozado,  
Lembra-me um canto que ouvi  
E' pura moralidade,  
E' verdade,  
Nunca mais o esqueci :

« O gallo, emquanto criança,  
Tem pitança,  
Que lhe dá mimosa mão ;  
Depois de velho, coitado,  
Alquebrado,  
Bate com o bico no chão. »

---

### Mãi benta

Coitadinho, como é tolo  
Em pensar que lhe adoro  
Por me ver andar chorando,  
Sabe Deus por quem eu choro.

Mãi benta, me fia um bolo,  
Minhas candongas.  
Não posso, Sr. tenente,  
Minhas candongas,  
Que os bolos são de yá-yá,  
Minhas candongas.  
Não se fiam a toda gente ;  
Minhas candongas,  
Porque tem muitos temperos  
Minhas candongas,  
Assucar, manteiga e cravo,  
Minhas candongas,

E outras cousinhas mais,  
Minhas candongas,  
Bolinbos de qui-lé-lê.  
Minhas candongas.  
Ponto de admiração,  
Minhas candongas,  
O' gente Manué,  
Minhas candongas,  
Está quente, sinhá, bem quente.

Você se anda gabando  
Que foi quem me deixou;  
Póde ficar na certeza  
Que muita cinza levou.  
Mãi benta, me fia um bolo, etc.



# INDICE

DOS

## PRIMEIRO E SEGUNDO VOLUME

### Modinhas

Um terno sorriso.....	3
O canto do Cysne.....	4
A despedida.....	5
Um mysterio.....	6
Riso e morte.....	7
Nas horas longas.....	8
Grato mysterio.....	9
Se eu fôra poeta.....	10
Anjo de amor.....	12
O gigante de pedra.....	13
Era outr'ora minha vida.....	13
Qual bate em duro rochedo.....	15
Ô descrito.....	16
Uma ingrata, uma inconstante.....	17
Porque oh! morte cruel.....	18
Ai de mim.....	18
Solidão.....	19
A flor perdida.....	20
E' tão formosa Marilia bella.....	21
O anjo da harmonia.....	22
Sonhei que mil flores.....	24
Vem donzella na hora extrema.....	25
Lembranças da patria.....	26
A estrella.....	27
Eu amo as flores.....	27
Alta noite.....	28
Eu vi teu rosto.....	29
Acorda minha querida.....	31
Quizera ter harpa.....	33
Caso de amor tão fingido.....	34
O teu olhar.....	35
A mulher.....	35
Como a rosa amor dura um só dia.....	37
Despeito.....	38

### Recitativos

Teu doce amor.....	39
A transviada.....	40
O sonho no cemiterio.....	42
Scismas do crepusculo.....	46
A revista nocturna.....	48
O canto da virgem.....	50
Minh'alma é triste.....	51

O opulento.....	52
Na alcova.....	54
O perdão.....	56
Mulheres e flores.....	58
Flores d'alma.....	59
Penso em ti.....	61
O taverneiro.....	62
Perdão.....	64
Tudo dança.....	65
Mysterio de amor.....	66
O janota.....	68
Morte d'alma.....	70
Se é crime.....	71
O perdão.....	72
Elmaia.....	73
A Cecy.....	74
Festas de dor.....	75
Julietta.....	75
Estatua da vida.....	76
Rosas brancas.....	77
O sonho.....	78
Peregrina imagem.....	79
Miragem.....	80
O quebra kilos.....	81

### Lundùs

O recrutamento.....	83
O tango no-mango.....	85
A velha que quer casar.....	86
A feijoada.....	88
A pombinha de yá-yá.....	90
Borboleta.....	91
Fado brasileiro.....	92
Que d'ellas as chaves.....	93

---

## SEGUNDO VOLUME

### Modinhas

Oh! sorte minha cruel.....	97
Frio manto.....	98
Lembranças do nosso amor.....	99
De ti fiquei tão escravo.....	100
Meus gemidos solto em vão.....	101
Não te esqueças Marília de mim.....	102
Depois que te dei minh'alma.....	102
Aceita ó Lucinda.....	103
Amor me vio não fez caso.....	104

Sonhos fagueiros.....	105
Eu quizera ser eterno.....	106
O sonho.....	107
Supplica.....	108

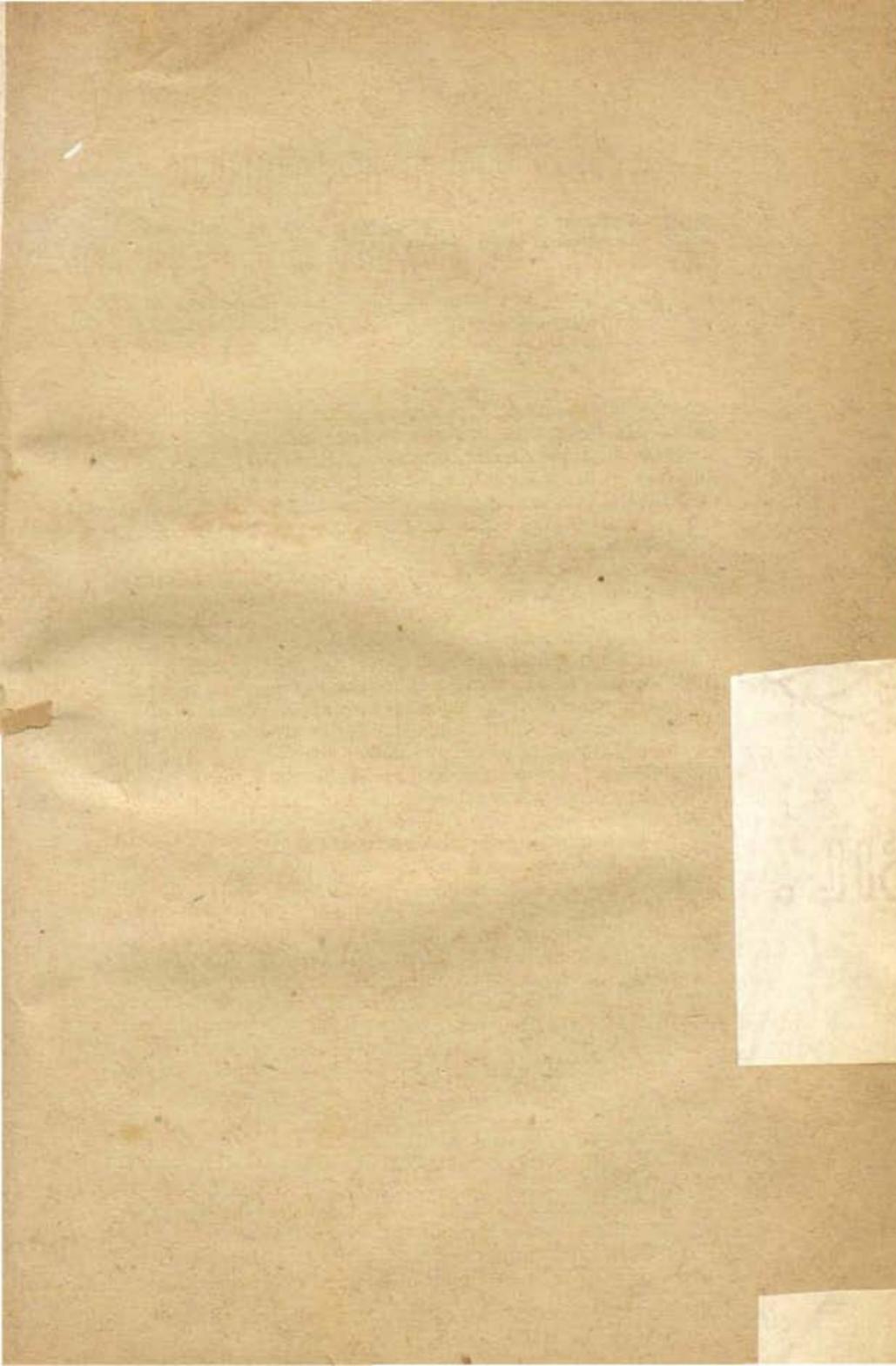
### Recitativos

Um teu doce agrado.....	109
Minhas crenças.....	109
A' minha estrella.....	111
Não sei, mas sei.....	112
A joven morena.....	113
Perfumes d'alma.....	114
Venus.....	116
Recor.lação.....	117
Escuta.....	118
Um sonho.....	119
M nh'a'ma é triste.....	122
A judia.....	125
Elvira.....	127
Outr'ora e hoje.....	128
Visão.....	129
A' el'a.....	133
Outr'ora.....	134
A tarde.....	135
E' curta a vida.....	136
Eu amo.....	137
Amor e medo.....	138
Miragem.....	140
Perdão.....	142

### Lundús

A marrequinba.....	143
E' bem bom não dóe nem nada.....	114
O gatinho.....	146
Os olhos de yá-vásinha.....	147
Gentis você já vio já.....	148
Lundú das moças.....	149
O meu coração.....	151
Quando eu era pequenino.....	154
Mái benta.....	156





# EXTRACTO DO CATALOGO

DAS EDIÇÕES DA LIVRARIA DE J. G. DE AZEVEDO

33 RUA DA URUGUAYANA 33

AMOR pelos cabellos, scena comica. . . . .	\$200
BIBLIOTHECA brasileira (romance e poesias) 6 vol. . . . .	3\$000
CANTOS do fim do seculo por Sylvio Romero, 1 vol. . . . .	1\$000
CODIGO do casamento, 1 vol. . . . .	\$400
CONSELHEIRO dos amantes (cartas amorosas para ambos os sexos) 1 vol. . . . .	1\$000
CONFERENCIA do Dr. Vicente de Souza — O Imperio e a escravidão —, 1 vol. . . . .	\$500
CODIGO dos Jesuitas, contendo a monita secreta desta celebre sociedade, 1 vol. . . . .	\$500
DICCIONARIO das flores ou manual dos namorados, 1 vol. . . . .	\$500
DESPEDIDA de João Brandão, 1 vol. . . . .	\$500
DOCEIRA Domestica (a) ou colleção de receitas, pela maior parte novas, de doces, podins, tortas, conservas, pasteis, hicores, etc., por D. Anna Corrêa, 3ª edição, 1 vol. . . . .	3\$000
FESTA (a) e a Caridade e Doida de Albano (poesias) 1 vol. . . . .	\$200
HISTORIA de um marinheiro, seguida da canção do marujo, scena comica, 1 vol. . . . .	\$200
JUDIA (a) Noivado do Sepulchro (recitativos) 1 vol. . . . .	\$200
LIVRO dos sonhos com a explicação, 1 vol. . . . .	\$500
LYRA do Trovador (modinhas e recitativos) 1 vol. . . . .	1\$000
MEMORIA sobre o emprego do sulphato de Quimino, pelo Dr. João Francisco de Souza, 1 vol. . . . .	\$600
MEU Amigo Banana, scena comica, 1 vol. . . . .	\$200
MORGADINHA de Val-Flor, drama em 5 actos, por Pinheiro Chagas, 1 vol. . . . .	2\$000
COZINHEIRO MODERNO, contendo uma colleção de mais de 1,500 receitas usuas, facéis e economicas, 1 vol. . . . .	4\$000
ORADOR MODERNO ou thesouro de discursos familiares, 1 vol. . . . .	1\$ 00
SILVEIRA CALLADO, colleção de artigos de propaganda republicana, 1 vol. . . . .	\$500
SOUZA REGO, Diccionario do Doceiro Brasileiro, contendo milhares de receitas pela maior parte novas, 1 gr. vol. . . . .	4\$000
DIAS DA SILVA, Thesouro da Mãe de Familia, em conselhos e receitas utcis, 1 vol. . . . .	2\$0 0
SERÕES Fluminenses, a melhor colleção de recitativos modernos até hoje publicada, 4ª edição, 1 vol. . . . .	1\$000
TROVADOR Brasileiro (modinhas, etc.,) 1 vol. . . . .	\$500